

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC VINICIOS DE MORAIS

A EVOLUÇÃO DA ESTRATÉGIA NAVAL DA ÍNDIA:  
uma análise comparativa entre as Estratégias de 2007 e 2015.

Rio de Janeiro

2021

CC VINICIOS DE MORAIS

A EVOLUÇÃO DA ESTRATÉGIA NAVAL DA ÍNDIA:  
uma análise comparativa entre as Estratégias de 2007 e 2015.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Emilio Reis Coelho

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2021

## **AGRADECIMENTOS**

À minha esposa Bianca e aos meus filhos Daniel e Marina pela compreensão, apoio e incentivo durante a realização deste trabalho.

Aos meus pais Alaor e Ana, pela dedicação em me oferecer uma base sólida de educação, e por compartilhar a alegria de cada nova conquista.

Ao meu orientador, Capitão de Fragata Emílio, pelas constantes correções de rumo necessárias para o cumprimento desta missão. Sua vasta experiência militar e acadêmica se tornou um firme alicerce para o compromisso necessário entre orientador e orientando.

A Deus, fonte do conhecimento e farol da verdade, por conter minhas ansiedades e me impulsionar para as águas azuis do conhecimento.

## RESUMO

O objetivo da pesquisa é comparar as Estratégias Marítimas da Índia de 2007 e 2015 que evidencie um alinhamento com as mudanças do cenário estratégico mundial. Usando o apoio de três teóricos de Estratégia Naval Contemporânea que tratam das mudanças tecnológicas, das novas ameaças marítimas e das revisões da aplicabilidade dos princípios da Estratégia Naval Clássica, Coutau-Bégarie (1956-2012), Geoffrey Till (nascido em 1945) e Raoul Castex (1878-1968), as mudanças serão criticadas, considerando, contudo, a contextualização do pensamento estratégico indiano, bem como os fatos históricos que influenciaram a formação destas Estratégias Marítimas. Esta pesquisa concluiu que a Estratégia Militar Marítima da Índia de 2007, não era suficiente para enfrentar os novos desafios e ameaças que surgiram no século XXI. Por sua vez, a Estratégia de Segurança Marítima Indiana de 2015 corrigiu abordagens, ampliou o entorno estratégico e estabeleceu metas e parcerias que anulou os riscos estratégicos identificados. A análise contribuiu para compreensão de outras posturas no cenário internacional da Índia agregando conhecimentos sobre um Estado que tem alcançado relevância entre as grandes Potências Militares Mundiais.

Palavras-chave: Estratégia Militar Marítima da Índia; Liberdade para usar os Mares; Garantindo Mares Seguros; Estratégia Naval da Índia; Oceano Índico.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Áreas Primárias e Secundárias de Interesse Marítimo da Índia.....	58
Figura 2 – Crescimento do PIB da Índia entre 1995 e 2020 .....	59
Figura 3 – Estratégia do Colar de Pérolas da China .....	60
Figura 4 - Processo de Indianização dos meios navais .....	61
Figura 5 – Segurança Marítima da Zona Costeira e de <i>Offshore</i> .....	62
Figura 6 – Exercícios com Marinhas Amigas .....	63
Figura 7 – Pontos de Estrangulamento na Área de Interesse Primário da Índia .....	64

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Gastos com Defesa da Índia entre 2007 e 2015.....	65
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A2/AD –	<i>Anti-Access/Area-Denial</i>
CNUDM –	Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar
DADF –	<i>Department of Animal Husbandry, Dairying and Fisheries</i>
ENC –	Estratégia Naval Contemporânea
EUA –	Estados Unidos da América
FAC –	<i>Fast Attack Craft</i>
GRSE –	<i>Garden Reach Shipyard and Engineers Ltd</i>
HADR –	<i>Humanitarian Assistance and Disaster Relief</i>
IMMS –	<i>India's Maritime Military Strategy</i>
IMSS –	<i>Indian Maritime Security Strategy</i>
ISV –	<i>Immediate Support Vessel</i>
LCM –	Linhas de Comunicações Marítimas
LCU –	<i>Landing Craft Utility</i>
MDL –	<i>Mazagon Dock Limited</i>
MHA –	<i>Ministry of Home Affairs</i>
MoA –	<i>Ministry of Agriculture</i>
MoD –	<i>Ministry of Defence</i>
MoF –	<i>Ministry of Finance</i>
MoP&NG –	<i>Ministry of Petroleum and Natural Gas</i>
MoS –	<i>Ministry of Shipping</i>
NFU –	<i>No First Use</i>
NOPV –	<i>Naval Offshore Patrol Vessel</i>
ONU –	Organização das Nações Unidas

- OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
- RPC – República Popular da China
- SBTF – *Shore-Based Test Facility*
- SSBN – *Ship Submersible Ballistic Nuclear (submarine)*
- SSN – *Ship Submersible Nuclear (submarine)*
- URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O PENSAMENTO ESTRATÉGICO NAVAL CONTEMPORÂNEO.....</b>	<b>11</b>
2.1	A Estratégia Naval Contemporânea.....	12
2.2	Elementos Centrais da Estratégia Naval Contemporânea.....	21
<b>3</b>	<b>O PENSAMENTO ESTRATÉGICO INDIANO.....</b>	<b>23</b>
3.1	O Comportamento Estratégico Indiano.....	23
3.1.1	A Geografia.....	23
3.1.2	A Cultura.....	25
3.1.3	O Raj Britânico.....	27
3.1.4	Fatos históricos Marcantes dos Séculos XIX e XX.....	29
3.1.5	Fatos históricos Marcantes no Século XXI.....	33
<b>4</b>	<b>A ESTRATÉGIA NAVAL DA ÍNDIA.....</b>	<b>37</b>
4.1	Liberdade Para Usar os Mares: IMMS-2007.....	38
4.2	Garantindo Mares Seguros: IMSS-2015.....	44
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>58</b>

# 1 INTRODUÇÃO

As corretas decisões tomadas na atualidade aumentam as chances de alcançar objetivos futuros. Neste contexto, é sempre bom considerar erros e acertos que possam orientar determinadas escolhas. Entretanto, quando se trata de Estratégia Militar, as escolhas são muito mais complexas. As colaborações de Clausewitz (1780 - 1831) sobre “as leis de ação recíproca”<sup>1</sup>, da qual se destaca a mutualidade do comando entre adversários e o entendimento de que a guerra é, sempre, a colisão de duas forças vivas, realça estas complexidades.

Com o fim da Guerra Fria (1947-1991) e encerramento da confrontação bipolar, mudanças do cenário internacional foram percebidas com destaques para os conflitos regionais. Paralelamente, a Globalização acelerou as relações sociais, políticas, econômicas e culturais, tornando o mundo um sistema interconectado e interdependente. As vulnerabilidades deste sistema sugeriram novos desafios e ameaças no despertar do Século XXI para o ambiente marítimo, como: saques de recursos marinhos, pirataria, tráfico de drogas e de pessoas, terrorismo internacional.

A jovem República da Índia demorou 60 anos para apresentar sua primeira Estratégia Militar Marítima. Muitos fatores contribuíram para este atraso, principalmente os constantes conflitos terrestres em que a Índia esteve envolvida desde a sua independência em 1947. Mas as mudanças do cenário estratégico após o atentado de 11 de setembro, alinhado à importância marítima no crescimento econômico indiano, despertou a Índia em investir na sua Marinha, bem como definir sua Estratégia Militar Marítima. Em 28 de maio de 2007 a Índia

---

<sup>1</sup> Leis de ação recíproca – “A guerra não é a ação de uma força viva sobre uma massa morta, mas, como a “não-resistência” absoluta seria a negação da guerra, ela é, sempre, a colisão de duas forças vivas, e o que nós dissemos do fim supremo dos atos de guerra aplica-se implicitamente às duas partes. Ainda aqui a ação é recíproca. Enquanto eu não tenha abatido o adversário, posso recear que ele me abata. Não sou o meu próprio mestre, uma vez que ele me comanda, assim como eu o comando. Aí está a segunda ação recíproca, que nos conduz à segunda extremidade” (CLAUSEWITZ *apud* COUTAU-BÉGARIE, 2010, p. 71).

publicou sua primeira Estratégia Militar Marítima com o título: “Liberdade de usar os Mares: Estratégia Marítima Militar da Índia”<sup>2</sup> - IMMS<sup>3</sup>-2007 (ÍNDIA, 2007, tradução nossa). Em 26 de outubro de 2015, sete anos antes do previsto, a segunda versão foi publicada com o título, “Garantir Mares Seguros: Estratégia de Segurança Marítima Indiana”<sup>4</sup> – IMSS<sup>5</sup>-2015 (ÍNDIA, 2015, tradução nossa).

A escolha da Estratégia Naval da Índia se deu pela notoriedade contemporânea do eixo Indo-Pacífico como palco de possíveis futuros conflitos tornando relevante as concepções estratégicas adotadas por este país. Acrescenta-se a este fato, a relevância do poderio Militar da Índia, quarta potência militar mundial da atualidade<sup>6</sup>.

Coloca-se a seguinte questão de pesquisa: Que similaridades e/ou singularidades podem ser identificadas entre as versões IMMS-2007 e IMSS-2015, quando considerada a Estratégia Naval Contemporânea (ENC)? Essa questão será respondida empregando-se a metodologia fundamentada em pesquisa documental e bibliográfica.

Na segunda seção buscar-se-á amparo teórico sobre a ENC a fim de contribuir para definição de variáveis que servirão para a análise comparativa entre as versões da Estratégia Militar Marítima da Índia. Na terceira seção de texto abordar-se-á sobre influências do pensamento estratégico indiano além de apresentar a contextualização em que ocorreram as mudanças das Estratégias entre 2007 e 2015. Na quarta seção de texto confrontar-se-ão as estratégias e destacar-se-ão suas similaridades e singularidades. Finalmente na quinta seção de texto serão apresentadas as conclusões da pesquisa e indicadas as linhas de investigação futura.

Em seguida, virá a segunda seção, onde será abordado sobre a teoria da ENC.

---

<sup>2</sup> No original - *Freedom to use the Seas: India's Maritime Military Strategy*.

<sup>3</sup> Do acrônimo no original em inglês *India's Maritime Military Strategy*.

<sup>4</sup> No original - *Ensuring Secure Seas: Indian Maritime Security Strategy*.

<sup>5</sup> Do acrônimo no original em inglês *Indian Maritime Security Strategy*.

<sup>6</sup> *2021 India Military Strength*. Disponível em: <[https://www.globalfirepower.com/country-military-strength-detail.php?country\\_id=índia](https://www.globalfirepower.com/country-military-strength-detail.php?country_id=índia)>. Acesso em: 20 jun. 2021.

## 2 O PENSAMENTO ESTRATÉGICO NAVAL CONTEMPORÂNEO

Na primeira seção de texto foi apresentado que o surgimento de novas ameaças suscita revisões estratégicas. O complexo e mutável ambiente, ligado a alta taxa de evoluções tecnológicas induz a pesquisa por teóricos que tenham contemplado tais evoluções, que fundamentem a análise comparativa entre as versões IMMS-2007 e IMSS-2015. Assim, nesta seção de texto, serão destacados elementos centrais da ENC, através do método estruturalista de análise,<sup>7</sup> cujo propósito é estabelecer variáveis qualitativas que posteriormente serão empregadas para a análise descrita.

Esta parte da pesquisa foi delimitada à alguns teóricos da ENC. Esta escolha foi primordialmente estabelecida considerando as referências bibliográficas da IMMS-2007 e IMSS-2015. Adicionalmente houve a consideração quanto a contemporaneidade das teorias e as reviravoltas ocorridas na atualidade que possam ter impactado a Estratégia Militar Marítima da Índia. Ressalta-se que o objetivo desta pesquisa não é comparar os conceitos entre os teóricos, e caso surjam conceitos divergentes, serão escolhidos os argumentos que melhor se enquadrem no contexto do problema.

Como o objetivo específico desta estruturação é construir elementos que amparem a análise comparativa, a escolha dos teóricos foi julgada suficiente. Além disso, considerando o ambiente VUCA<sup>8</sup>, esta estruturação demandará revisões periódica em busca de novas ameaças que não tenham sido contempladas.

Estabelecidas as considerações iniciais, serão apresentadas a ENC.

---

<sup>7</sup> O método estruturalista é um método de procedimento em que se pode compreender como um instrumento para se analisar a realidade por meio da seguinte trajetória do pensamento: realidade – abstração – realidade.

<sup>8</sup> Do acrônimo no original em inglês VUCA – *Volatility, Uncertainty, Complexity e Ambiguity*. É uma sigla em inglês, formada pela primeira letra das palavras: *Volatility* (volatilidade), *Uncertainty* (incerteza), *Complexity* (complexidade) e *Ambiguity* (ambiguidade) surgida na década de 1990, quando o exército norte-americano começou a usar a sigla VUCA para descrever os cenários e contextos de guerra possíveis de serem enfrentados.

## 2.1 A Estratégia Naval Contemporânea

Na busca assertiva de embasamento, o conceito de estratégia não apresentou consenso em essência, extensão e epistemologia. Diante disto, opta-se pela definição apresentada por Harry R. Yarger: “O processo estratégico é sobre como (conceito ou forma) a liderança usará o poder (recursos ou meios) disponíveis ao Estado, para exercer controle sobre conjuntos de circunstâncias e locais geográficos, a fim de alcançar os objetivos (fins) de acordo com a política de Estado” (YARGER, 2008, p. 6, tradução nossa)<sup>9</sup>. Esta definição foi escolhida entre tantas por conter elementos mais alinhados com esta pesquisa.

Também é necessário incluir precipuamente duas definições que trarão melhor compreensão acerca deste tópico da pesquisa. Segundo Lars Wedin, “A **estratégia marítima** é a ciência e a arte de manobrar forças para cumprir os fins políticos no domínio marítimo”; e “a **estratégia naval** é a ciência e a arte da manobra das forças navais e aeronavais para que elas concorram para o sucesso da estratégia marítima” (WEDIN, 2015, p. 119, grifo nosso).

A Doutrina Marítima da Índia define Poder Marítimo como “a habilidade de uma nação de usar os mares para salvaguardar e fazer progredir seus interesses nacionais”<sup>10</sup> (ÍNDIA, 2009, p. 10). Embora esta Doutrina defina Poder Marítimo, não existe o termo Poder Naval. Existe porém o termo Poder Militar Marítimo, com significado equivalente ao empregado na Marinha do Brasil para Poder Naval<sup>11</sup>. De acordo com o IMMS-2007, “A dimensão militar da Estratégia Marítima da Índia é denominada Estratégia Militar Marítima”<sup>12</sup> (ÍNDIA, 2007, p. 3, tradução nossa), equivalente ao que no Brasil chama-se de Estratégia Naval.

<sup>9</sup> No original: “*The strategic process is all about how (concept or way) leadership will use the power (resources or means) available to the state to exercise control over sets of circumstances and geographic locations to achieve objectives (ends) in accordance with state policy*”.

<sup>10</sup> No original: “*Maritime Power is the ability of a nation to use the seas to safeguard and progress its national interests*”.

<sup>11</sup> Poder Naval - Parte integrante do Poder Marítimo capacitada a atuar militarmente no mar, em águas interiores e em certas áreas terrestres limitadas de interesse para as operações navais, incluindo o espaço aéreo sobrejacente (MD35-G-01).

<sup>12</sup> No original - *The military dimension of India's Maritime Strategy is termed the Maritime Military Strategy.*

Tendo introduzido estes significados, convém ainda exaurir a definição do termo “contemporâneo” que segundo o dicionário<sup>13</sup> constitui algo que é do mesmo tempo, que existiu ou viveu na mesma época. Logo, quando determinado teórico aborda o tema ENC, deve-se ter o cuidado de avaliar o período temporal a que sua obra se refere. Este termo guarda um segundo significado daquilo que é atual e por este motivo, deve-se ter o cuidado de, ao analisar a ENC, não pressupor a obsolescência da Estratégia Naval Clássica.

De acordo com o professor Hervé Coutau-Bégarie (1956-2012), a Estratégia Naval Contemporânea aborda as reviravoltas, técnicas e políticas que afetaram o meio marítimo, causando mudança tanto nos meios como nas missões (COUTAU-BÉGARIE, 2010). Primeiramente, serão apresentadas as reviravoltas abordadas pelo autor.

Segundo Coutau-Bégarie, de um lado, as mudanças técnicas que ocorreram no período entreguerras (1918-1939), acarretaram evoluções das operações navais para três dimensões: superfície, acima da superfície e abaixo da superfície. Outra mudança foi a implementação dos Navios Aeródromos como navio capital em substituição aos encouraçados. Este vetor, ampliou expressivamente o raio de ação das forças navais. Além disso, possibilitou que meios navais passassem a agir sobre terra, desferindo ataques em objetivos terrestres. De igual forma, os meios navais passam a estar expostos aos ataques provenientes de terra através da evolução de armamentos com alcances elevados, alta precisão, e poder de destruição. Os armamentos navais também evoluíram, os canhões perderam a primazia para os mísseis. O avanço tecnológico e a sua implementação a bordo, integrou os armamentos e os meios como verdadeiros sistemas, que passaram a operar integrados nas três dimensões (COUTAU-BÉGARIE, 2010). No Capítulo 4, será evidenciado a rápida evolução do espectro do conflito entre a IMMS-2007 e a IMSS-2015, de tridimensional para multidirecional.

---

<sup>13</sup> De acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Por outro lado, foi o advento nuclear o causador da maior reviravolta da estratégia contemporânea (COUTAU-BÉGARIE, 2010). A tecnologia nuclear revolucionou a estratégia marítima, visto que abrangeu armamentos e propulsões dos meios navais, ampliando as capacidades e principalmente a percepção de poder. O emprego do submarino de propulsão nuclear superou o submarino convencional em função de sua elevada capacidade de explorar sua mobilidade, da sua grande capacidade de evasão, da sua capacidade de atuar coordenadamente com unidades navais de superfície e aéreas, e pela sua autonomia limitada apenas à fadiga humana, ao consumo de armamento e de gêneros alimentícios. Desta forma, o submarino nuclear é uma poderosa arma de dissuasão. O simples fato de determinado Estado possuir o armamento nuclear lhe concede alta capacidade dissuasiva, fazendo que seus oponentes sempre reconsiderem a opção do combate. A Índia com apenas 27 anos de República, já estava realizando seus primeiros testes nucleares, como apresentado no subitem 3.1.2.

Em 10 de dezembro de 1982, em Montego Bay, Jamaica, foi celebrado um tratado multilateral da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM). Desde então, muitas contestações vêm sendo apresentadas à Organização das Nações Unidas (ONU) sobre soberanias e direitos de exploração do espaço marítimo, gerando tensões entre Estados interessados nas demarcações das fronteiras marítimas. Coutau-Bégarie, destaca esta mudança política contemporânea, abordando o crescimento do desejo dos Estados de se apropriar do mar e de seus recursos naturais, tanto por motivos de exploração dos recursos vivos e não vivos, no solo ou no subsolo, quanto por motivos estratégicos (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Os fatos históricos ocorridos na chegada do século XXI, como os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001<sup>14</sup>, somados aos efeitos da globalização impuseram revisões da aplicabilidade dos princípios da estratégia marítima. A globalização acelerou as relações sociais, políticas, econômicas e culturais, tornando o mundo um sistema interconectado e

---

<sup>14</sup> Em 11 de setembro de 2001 os EUA se tornaram alvo de uma série de ataques terroristas coordenados pela organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda.

interdependente. As cadeias de suprimentos<sup>15</sup> são cada vez mais dependentes das produções em diversos locais do mundo, assim, comprometer as linhas de comunicação de determinado país pode trazer implicações para todo o sistema globalizado de comércio marítimo. A Estratégia Naval Contemporânea se propôs a revisar a aplicabilidade dos princípios apresentados pelos teóricos clássicos propondo algumas reformulações em função dos avanços tecnológicos e mudanças do ambiente estratégico.

Raoul Victor Patrice Castex (1878 – 1968), considerado um estrategista à frente do seu tempo, vivenciou reviravoltas como as Guerras Mundiais<sup>16</sup> e os avanços tecnológicos significativos para o período (WEDIN, 2015). Pode-se dizer que Castex iniciou a revisão da aplicabilidade da Estratégia Naval Clássica. Wedin assim conclui sobre a contribuição de Castex para a ENC:

Castex estabeleceu os **fundamentos da estratégia marítima e naval contemporânea**. Mas o progresso tecnológico, a importância acentuada do mar e a evolução do contexto jurídico — sobretudo a partir da convenção de Montego Bay — nos impõem a necessidade de acrescentar modificações e aditamentos ao resto do edifício (WEDIN, 2015, p. 225, grifo nosso)

A partir deste argumento de Wedin, os conceitos apresentados por Castex são fundamentos da ENC. Contudo, o próprio Wedin, reconhece algumas rupturas temporais que limita o amplo apoio em Castex para esta estruturação, como os adventos tecnológicos espaciais e do ciberespaço.

As bases do pensamento da estratégia marítima e naval de Castex são conceitos absorvidos, principalmente, de Alfred Thayer Mahan (1840-1914) e Julian Stafford Corbett (1854-1922). Castex foi um teórico experimentado na carreira naval. Teve importante participação na renovação da Marinha Nacional Francesa, absorvendo experiência crítica das

---

<sup>15</sup> Cadeia de suprimentos pode ser definida como os processos que envolvem fornecedores e clientes e ligam empresas desde a fonte inicial de matéria-prima até o ponto de consumo do produto acabado.

<sup>16</sup> Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

doutrinas de Mahan e da Jeune École<sup>17</sup>. Somou-se a esta experiência, o comando de um Navio Patrulha durante a Grande Guerra (1914-1918), onde pôde confrontar seus conhecimentos doutrinários com a complexidade da guerra. Tornou-se crítico quanto à manutenção das patrulhas ao longo das Linhas de Comunicações Marítimas (LCM) e passou a defender o sistema de comboios e a concentração de meios. Como escritor, dedicou 26 anos na obra “Théories Stratégiques”, apontado por Coutau-Bégarie como um Tratado de Estratégia (COUTAU-BÉGARIE, 2010). Propôs o conceito das dependências após amplo estudo da estratégia de cooperação e coordenação. No tocante a estratégia marítima, descreveu a dualidade que impõe colaborações com estratégias civis e militares. Contudo, nosso maior interesse no pensamento “castexiano” está sobre a Estratégia Naval, cujo propósito é por ele apresentado como criar, favorecer e aumentar, tanto na paz quanto na guerra, o poder marítimo de um país. A base do seu pensamento é que o domínio do mar significa o controle das comunicações essenciais de superfície (CASTEX, 1994).

A estratégia teórica de Castex, que inicialmente teve maior influência de Mahan, necessitou de uma releitura após aprofundar seus estudos e apreciar o pragmatismo teórico do Corbett. Desta forma, Castex apresentou uma releitura crítica em três tempos, assim apresentados (CASTEX *apud* COUTAU-BÉGARIE, 2010, p. 459)<sup>18</sup>:

a) A Força Organizada não resume sua missão unicamente, à busca pela batalha. Castex defende que a guerra naval não representa algo isolado, mas é composta de missões que lhe são atribuídas no contexto de um quadro estratégico mais amplo. Neste contexto, Castex destaca a proteção das comunicações como uma necessidade imperativa;

<sup>17</sup> Jeune École – Corrente do pensamento naval contemporâneo, suscitada pelo almirante Aube, nos anos 1870, posicionada contra o dogmatismo da escola histórica, ele fundamenta sua análise sobre o caráter mutante do contexto internacional e sobretudo dos instrumentos disponíveis. Aube estima que os ensinamentos das grandes batalhas do passado tornaram-se caducos pelo aparecimento de novos meios como a mina e o torpedo, que funcionam como equalizadores de poder. Ele propõe tirar partido disso no contexto de estratégias nacionais adaptadas a cada país e a cada situação (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

<sup>18</sup> Em COUTAU-BÉGARIE, Hervé. *La Puissance maritime. Castex et la stratégie navale*. Paris, Fayard, *Géopolitiques et stratégies*, 1985.

b) Em função da dificuldade de encontrar a esquadra inimiga na imensidão dos oceanos, nem sempre é necessário provocar a batalha. Castex recomenda a “caça de emboscada”, em pontos focais, em detrimento à “caça em perseguição”; e

c) A batalha não produz sempre os efeitos decisivos. Uma vitória tática pode significar uma derrota estratégica.

Logo, o princípio da Batalha decisiva, amplamente defendido por Mahan, posteriormente foi contestado pelo Corbett e Castex, pavimentando um novo rumo para a ENC.

Outro ponto defendido por Castex foi a influência da geografia na Estratégia Naval. Ele dizia que esta influência não é outra coisa além da reação da terra sobre o mar (WEDIN, 2015). Essa influência prevista por Castex se confirma na atualidade com as Estratégias Antiacesso. A República Popular da China (RPC) tem empregado amplamente este conceito, que combina armas das Forças Armadas, dispondo-as em camadas de forma a conferir profundidade à defesa. Além disso a RPC vem construindo terreno artificial no mar, ampliando suas camadas de defesa. A Estratégia Antiacesso comumente chamada de A2/AD,<sup>19</sup> se subdivide em antiacesso e negação de área. A primeira emprega recursos de mísseis balísticos e de cruzeiro, sistema de vigilância e reconhecimento de longo alcance, submarinos nucleares, sistemas de ataque cibernético e espacial. Já a negação de área emprega recursos das forças navais, aéreas e terrestres integradas, sistemas de defesa antiaérea, mísseis antinavio de médio e curto alcance, submarinos convencionais, munições inteligentes, sistemas de guerra eletrônica e lanchas rápidas armadas com mísseis, estas últimas, devendo operar com proteção aérea.

Estas reviravoltas tecnológicas impactaram a aplicabilidade do princípio da segurança e surpresa na Estratégia Naval, comprometendo Tarefas Básicas do Poder Naval como o estabelecimento do Controle de Área Marítima próximo aos litorais, repercutindo em

---

<sup>19</sup> Do acrônimo no original em inglês *Anti-Access and Area Denial*.

dificuldades para Projetar Poder sobre Terra nestas áreas. Por outro lado, trouxeram melhor controle das LCM essenciais próprias em função da vigilância, controle e capacidade de ataque.

Foram apresentadas até aqui as colaborações de Castex julgadas essenciais para a estruturação da ENC. Contudo, conforme Wedin argumentou, progressos tecnológicos e políticos em relação ao uso do mar impõem a necessidade de acréscimos e modificações. Faz-se necessário considerar quais tendências do século XXI que impactam nesta revisão de aplicabilidade dos princípios da Estratégia Naval.

Geoffrey Till (nascido em 1945), autor da obra *SEAPOWERS – A Guide for the Twenty First Century*, considera em suas obras os efeitos da globalização sobre a forma de atuação das Forças Navais. Para Till, o mar sempre forneceu a base para a prosperidade e a segurança humana. No início do século XXI, com o sistema mundial de comércio cada vez mais globalizado, isso se tornou ainda mais verdadeiro. Este fenômeno cria interdependência entre Estados, ao mesmo passo que gera forte dependência mundial dos espaços marítimos. Por eles escoam 90 por cento do comércio mundial<sup>20</sup> além das comunicações intercontinentais por cabos submarinos, por onde fluem aproximadamente 99 por cento do tráfego ciberespacial de todo o mundo<sup>21</sup>. Para Till, o pensamento estratégico marítimo tradicional demanda revisão, por mais moderno que possa parecer, em virtude das novas ameaças<sup>22</sup> que as marinhas do mundo estão lidando e as recentes políticas dos espaços marítimos.

Após o atentado de 11 de setembro de 2001, a comunidade internacional concebeu que estas ameaças comprometiam o estado de segurança internacional do ambiente marítimo. O Almirante Vern Clark<sup>23</sup> (CLARK *apud* SILVA; MARCONDES, 2019, p.77), Chefe de

<sup>20</sup> Dados extraídos da *International Chamber of Shipping*, do Relatório de 2021 com o título: “*Protectionism in Maritime Economies Study*”.

<sup>21</sup> Dados extraídos do *TeleGeography*, empresa de pesquisa e consultoria de mercado de telecomunicações. Disponível em: <<https://www2.telegeography.com/submarine-cable-faqs-frequently-asked-questions>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

<sup>22</sup> “Novas ameaças – Relacionadas as ameaças do ambiente marítimo no século XXI, comumente identificadas como: terrorismo, o tráfico ilegal de armas, drogas e pessoas e a pirataria” (SILVA, 2006)

<sup>23</sup> Vernon E. Clark – Almirante aposentado Marinha dos EUA. Exerceu o cargo de Chefe de Operações Navais entre 21 de julho de 2000 e 22 de julho de 2005.

Operações Navais dos EUA no período do atentado, argumentou que “a economia global depende da segurança global dos oceanos”. Esses fatos provocaram estudos e revisões estratégicas nos EUA, como apresentado no subitem 3.1.5.

Barry Buzan, Ole Waever e Jaap de Wilde (1998), apresentam conceitos de que as ameaças podem ser construídas por discursos de atores na esfera da segurança internacional, que, uma vez endossado pela opinião pública, possibilita o processo conhecido como “securitização”. Logo, a implementação da segurança tem relação com a compreensão social da ameaça. Buzan, Waever e Wilde assim conceituam “securitização”:

[...] o uso da retórica da ameaça existencial com o objetivo de levar um assunto para fora das condições da “política normal”, justificando assim a adoção de medidas de emergência, de procedimentos políticos extraordinários e eventualmente o uso da força (BUZAN *et al.* 1998, p. 24-25, tradução nossa).<sup>24</sup>

Temas como garantia da segurança dos oceanos<sup>25</sup> se tornou pauta recorrente nos fóruns internacionais sobre o uso dos oceanos. As soluções propostas giram em torno de uma nova ordem oceânica marítima, passando os oceanos a representar uma área de soberania compartilhada com regulação acordada sobre o uso atual e futuro, no interesse comum de toda a humanidade. Till defende o incremento da cooperação internacional para confrontar a transnacionalidade e à natureza difusa das atuais ameaças, em busca da boa ordem no mar. Na busca pela boa ordem no mar e a segurança no território dos Estados, percebe-se uma extrapolação dos limites das Forças de Defesa dos Estados, demandando articulação cooperativa com outros agentes estatais da área de segurança,<sup>26</sup> aperfeiçoando a Consciência

<sup>24</sup> No original - *rhetoric of existential threat and thereby takes an issue out of what under those conditions is “normal politics,” we have a case of securitization. Thus, the exact definition and criteria of securitization is constituted by the intersubjective establishment of an existential threat with a saliency sufficient to have substantial political effects.*

<sup>25</sup> Para exemplificar, cito o “Diálogo”, fórum internacional para profissionais de forças militares e de segurança na América Central, América do Sul e Caribe que possui diversos artigos referentes as ameaças do ambiente marítimo. Disponível em: <<https://dialogo-americas.com/articles/drug-and-human-trafficking-major-regional-challenges-for-southcom/>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

<sup>26</sup> Como exemplo, no Brasil esta extensão pode ser vista nas mudanças ocorridas no Centro Integrado de Segurança Marítima (CISMAR) e a participação de diversas agências estatais compartilhando informações e usufruindo de dados de inteligência internacionais.

Situacional Marítima (TILL, 2018). No item 4.2 será apresentado esta extrapolação das responsabilidades da Marinha indiana.

Percebe-se desde então, a tendência mundial de enfatizar a “segurança” nas estratégias marítimas dos Estados. Naturalmente nem todos os Estados possuem marinhas com capacidades iguais. Till distingue três tipos de marinhas de acordo com a atitude dos Estados perante a segurança nacional e a globalização. A primeira chamou de marinha pré-moderna, cujo Estado possui limitada interdependência econômica, superávits insuficientes para investir em desenvolvimento, tendo sua atuação limitada à segurança regional. A segunda chamou de marinha moderna<sup>27</sup>, pertencentes a Estados com produção industrial ativa, mas, com menor adesão à globalização, tendendo a adotar políticas protecionistas e demonstrando uma atitude pouco colaborativa na proteção do sistema econômico global, e competitiva entre Estados por poder, território, recursos ou supremacia ideológica. Por fim, a terceira chamou de Marinhas pós-moderna<sup>28</sup>, pertencentes a Estados com economia eficientes e incentivadores das aberturas econômicas dos demais Estados. Tais Marinhas buscam proteger o sistema marítimo mundial, como garantia da paz e a estabilidade global. As marinhas pós-modernas adotam uma abordagem internacionalista, colaborativa e quase coletiva, visando assegurar a liberdade dos mares através de atuações cooperativas. Na quarta seção deste trabalho será analisado se as mudanças que vêm ocorrendo na Estratégia Militar Marítima da Índia estão fluindo para se tornar uma Marinha pós-moderna.

Com efeito as novas ameaças realçaram a complexidade do ambiente marítimo e impulsionaram redefinições das estratégias navais. Ora, existe um paradoxo entre a liberdade do uso dos mares e a segurança dos usos dos mares. Para aumentar a segurança marítima,

---

<sup>27</sup> As Marinha Modernas se aplicam as seguintes tarefas básicas do poder naval: Controle de Área Marítima, Projeção de Poder, Deterrência Nuclear, Manutenção da Boa Ordem no Mar e Diplomacia Naval (TILL, 2018).

<sup>28</sup> As Marinha pós-Modernas se aplicam para a execução de uma gama mais ampla de tarefas diplomáticas e de imposição da lei, como: Ações de ajuda humanitária, Combate à pirataria e ao narcotráfico, Operações Expedicionárias de Estabilização, Operações de Interdição e Segurança Marítimas e Construção de consenso e cooperação no mar (TILL, 2018).

restringe-se a liberdade. Segundo Till, para fruir os atributos advindos do mar, quais sejam, a exploração de seus recursos, sua utilização como meio de transporte e comércio, seu uso como meio de troca de informação e disseminação de ideias e, como meio de dominação, torna-se necessário a obtenção da segurança marítima. Ademais, o pensamento estratégico marítimo tradicional não é suficiente para apoiar as marinhas a lidar com as situações políticas contemporâneas, como por exemplo Operações de Paz conduzidas pela ONU, frequentemente conduzidas em coalizões, o que pode trazer implicações no processo de tomada de decisão.

## **2.2 Elementos Centrais da Estratégia Naval Contemporânea**

Foi proposto nessa seção, estruturar os elementos centrais da ENC, analisando os conceitos apresentados por Coutau-Bégarie, Castex e Till. Inicialmente, analisada as apresentações de Coutau-Bégarie, foram extraídos elementos centrais julgados essenciais da ENC:

a) A tecnologia nuclear revolucionou a estratégia marítima através da dissuasão estratégica.

À luz, então, do argumento de Wedin, de que Castex estabeleceu os fundamentos da Estratégia Marítima e Naval Contemporânea, e buscando a objetividade imposta por esta pesquisa, sintetiza-se os fundamentos absorvidos como elementos centrais:

b) Segundo Castex, é imperativa a proteção das comunicações, pelo que defende o controle das comunicações essenciais de superfície;

c) A reação da terra sobre o mar impõe aos planejadores contemporâneos riscos em operações próximas às costas e em pontos focais, além de dependência de uma boa consciência situacional marítima que confira a Índia ampliar suas capacidades de defesa em profundidade.

Adicionalmente, foi encontrada a necessidade de ampliar a estruturação à luz das diversas colaborações de Till, em virtude das novas ameaças contemporâneas, os efeitos das políticas dos espaços marítimos, os efeitos da globalização sendo extraídos os elementos centrais julgados essenciais da ENC:

d) As novas ameaças contempladas pela ENC são: pirataria, tráfico de drogas e de pessoas, terrorismo internacional e contra a preservação ambiental marinha;

e) Para o contexto temporal de análise do objeto deste trabalho, face ao surgimento de novas ameaças, pode ser observado ênfase na segurança marítima com apelo estratégico de colaboração interestatal através de estabelecimento de parcerias;

f) Dentre os tipos de Marinha categorizados por Till, a Marinha da Índia tem maior similaridade à Marinha Moderna. Esta se aplica as seguintes tarefas básicas do poder naval: Controle de Área Marítima, Projeção de Poder, Deterrência Nuclear, Manutenção da Boa Ordem no Mar e Diplomacia Naval.

Em que pese o reduzido número de variáveis selecionadas frente as vastas estratégias que serão analisadas, entendem-se que os elementos centrais escolhidos conferem profundidade para as análises.

A seguir, com o intuito de dar continuidade ao propósito deste estudo, serão contextualizados fatos que contribuam com a compreensão das mudanças na Estratégia Marítima indiana.

### 3 O PENSAMENTO ESTRATÉGICO INDIANO

Na seção anterior foram abordados elementos centrais da ENC. Nesta seção, serão apresentados os principais fatores que contribuíram para a formação do pensamento estratégico marítimo indiano bem como, serão analisados os acontecimentos que marcaram o início do Século XXI e que culminaram com mudanças da mentalidade marítima mundial, migrando para o foco da segurança em função do surgimento das novas ameaças, em especial o terrorismo.

#### 3.1 O Comportamento Estratégico Indiano

Conforme o pensamento de Tanhan, “quatro fatores tiveram uma influência, particularmente importante, no comportamento estratégico indiano contemporâneo: a geografia, a cultura, a história da Índia e o Raj britânico” (TANHAN, 2010, p. 130, tradução nossa).<sup>29</sup> Em vista deste argumento de Tanhan, serão ampliados cada um destes fatores que ajudarão posteriormente na compreensão do pensamento estratégico indiano.

##### 3.1.1 A Geografia

Um 'trampolim', um 'triângulo central', 'um porta-aviões nunca afundando' ou, para os mais dramáticos, um 'punhal mergulhado profundamente nas águas circundantes', não houve escassez de metáforas descrevendo a posição invejável da Índia no coração do Oceano Índico. Uma simples olhada em um mapa deve fornecer amplas evidências do destino marítimo da Índia (REHMAN, 2012, p. 55, tradução nossa)<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> No original - *Four factors have had a particularly important influence on Indian strategic behavior today: geography, culture, the discovery of India's history, and the British Raj*

<sup>30</sup> No original - *A 'springboard', 'a central triangle', 'a never-sinking aircraft carrier' – or, for the more dramatic, a 'dagger' plunged deep into the surrounding waters – there has been no dearth of vivid metaphors describing India's enviable position at the heart of the Indian Ocean. A simple glance at a map should provide ample evidence of India's maritime destiny.*

Com estes termos, Rehman concentra várias descrições da significativa posição estratégica da Índia. A Índia segue uma lógica geográfica circunscrita, banhada a oeste e sudoeste pelo mar da Arábia, banhada a leste e a sudeste pelo golfo de Bengala, a leste pelas selvas montanhosas de Mianmar, ao norte e noroeste pelo Himalaia e pelo conjunto do Karakoram e o Hindu Kusha (KAPLAN, 2013). A Índia tem 7.516,6 quilômetros de costa, 155.889 quilômetros quadrados de mar territorial, compartilha 14.000 quilômetros de fronteira terrestre com seis nações: Paquistão, China, Nepal, Butão, Bangladesh e República da União de Myanmar (HEITZMAN; WORDEN, 1995). Tem demarcação de fronteiras marítimas com Maldivas, Sri Lanka, República da União de Myanmar, Indonésia e Tailândia. Além disso tem problemas de delimitação da fronteira marítima com Paquistão e Bangladesh (INDIA, 2007).

Segundo Tanhan, a configuração geográfica da Índia conferiu aos indianos uma percepção equivocada de segurança em razão dos mares e montanhas que o cercam (TANHAN, 2010). Embora tenha lhe garantido, historicamente, um senso de segurança, os avanços tecnológicos colocam em xeque a efetividade da proteção destas barreiras.

Entende Kaplan que a geografia indiana apresenta vantagens e desvantagens na busca pelo status de grande potência do século XXI (KAPLAN, 2013). Entre estas vantagens, Kaplan faz menção ao pensamento de Mahan sobre a posição geográfica da Índia, sendo crucial para penetração tanto do Oriente Médio, quanto da RPC em direção ao mar. Convém mencionar que as vantagens geográficas mencionadas por Mahan, desafiam uma postura Estratégica Militar Marítima indiana de maior projeção no Oceano Índico, a fim de melhor proteger suas LCM, seus entornos estratégicos de interesse e estreitos. Nota-se que o Controle do Mar e a Negação do Uso do Mar são tarefas amplamente discutidas na IMMS-2007 e IMSS-2015. Além disso, seus investimentos na aquisição e construção de Navios Aeródromos e Submarinos

revelam que a IMMS-2007 e IMSS-2015 têm fornecido os caminhos apropriados para alcançar os fins desejados.

### 3.1.2 A cultura

A atual sociedade indiana foi formada de civilização ao longo de mais de 2500 anos.<sup>31</sup> Segundo Tanhan, é necessário compreender a cultura indiana, que difere muito da cultura ocidental, para poder se aplicar à compreensão de seu pensamento estratégico.

Em primeiro lugar, destaca-se a forma como o indiano vê o tempo. O passado não é tão relevante para este povo, bem como não dão muita importância aos planejamentos futuros. Os ocidentais, conectam o passado, presente e futuro de forma linear. Contudo os indianos pensam no tempo como uma série de ciclos em um presente contínuo (TANHAN, 2010). Isso justifica a demora da Índia em elaborar planos estratégicos marítimos<sup>32</sup>, bem como a dificuldade de manter planejamentos de longo prazo<sup>33</sup>.

Além disso, a cultura indiana assimilou do hinduísmo uma visão conservadora da vida. A endogamia<sup>34</sup> entre as distintas castas reconhecidas pelos indianos criam uma petrificação nas classes, que possuem hierarquias entre elas. Esta cultura propicia o conformismo para o povo indiano, notada nas lentas mudanças sociais. Entende Tanhan, que este traço cultural provoca um pensamento social defensivo. Este pensamento foi contestado

---

<sup>31</sup> A Índia teve influência de gregos, persas, chineses. Porém foram os Mauryas que exerceram maior influência cultural nas civilizações indianas (COHEN, 2001). A partir do início do século VIII, os muçumanos chegaram à Índia por meio do mar da Arábia e pela costa de Malabar. O Islã conquistou Kabul e trouxe tecnologias militares, ideais políticos e expansão da fé por volta dos anos 870. Desta maneira, houve influências culturais tanto do hindu quanto do islamismo (HEITZMAN; WORDEN, 1995).

<sup>32</sup> A Índia se tornou independente em 1947, contudo sua primeira Doutrina Marítima foi datada de 2004 e sua primeira Estratégia Militar Marítima de 2007.

<sup>33</sup> A Estratégia Militar Marítima Indiana foi planejada para ser revisada periodicamente, de 15 em 15 anos, contudo o IMMS-2007 durou apenas 8 anos, quando foi revisado.

<sup>34</sup> Endogamia - método de acasalamento que consiste na união entre indivíduos semelhantes, no caso entre mesmas castas.

pelo Arjun Subramaniam<sup>35</sup>, que defende a ideia de que não se pode tirar uma impressão digital da cultura estratégica indiana por ser um Estado jovem que ainda está em evolução. Assim Subramaniam defende seu argumento: “Índia, em sua sétima década como um estado-nação independente, está pronta para moldar sua própria cultura estratégica à sua imagem. Faremos bem em ver a educação como um fator chave da cultura estratégica” (SUBRAMANIAM, 2016). Embora Subramaniam esteja certo em afirmar sobre a imaturidade da cultura estratégica indiana, e que tal traço esteja em evolução, a característica central de influência defendida por Tanhan sobre o comportamento defensivo ainda é presente, e evidenciado na IMMS-2007 e IMSS-2015 na dependência da Dissuasão Estratégica como fundamento para evitar o conflito.

Isto posto, pela composição dos dois fatores, visão de tempo e visão conservadora da vida, os padrões de pensamentos indianos são distintos dos ocidentais, ou seja, não seguem necessariamente a mesma coerência de causa e efeito. Portanto, infere-se maior imprevisibilidade no pensamento estratégico indiano, excetuando-se sua maior inclinação ao pensamento defensivo.

Gray, tratando sobre a Estratégia Nuclear, ao analisar a postura dos EUA e URSS na Guerra Fria conclui: “Ficou claro, para ambos os lados, que as armas nucleares não poderiam ser usadas para ameaçar com o propósito de ganhar. Sua utilidade era estritamente para a defesa”<sup>36</sup> (GRAY, 2007, p. 217). Isso pode justificar a ênfase dada a dissuasão estratégica e sua relevância tanto na IMMS-2007 quanto na IMSS-2015. A busca pela *expertise* em operar um submarino nuclear, levou a Índia a arrendar entre 1987 e 1990 um submarino russo da classe Charlie I, posteriormente renomeado Chakra. Neste arrendamento o reator era operado pela guarnição soviética. Posteriormente em 04 de março de 2012, o submarino russo Schuka-B,

---

<sup>35</sup> Arjun Subramaniam - Vice-marechal aposentado da *Indian Air Force* (IAF), professor no Colégio Nacional de Defesa da Índia, professor visitante nas universidades Ashoka e Jindal.

<sup>36</sup> No original - *Eventually it was clear enough to both sides that nuclear weapons could not be used to threaten for the purpose of gain. Their utility was strictly for defence.*

denominado pela OTAN<sup>37</sup> como Akula II foi arrendado por mais dez anos, recebendo a designação de INS Chakra, desta vez sendo operado pela tripulação indiana (SILVA, 2019). Paralelamente, nas cláusulas do acordo, está previsto o desenvolvimento de uma classe de submarinos nucleares indiano (o *INS Arihant*) com transferência de tecnologia russa. A tarefa de negar o uso do mar, alinhada a capacidade de dissuasão estratégica incorporada, realça as intenções da Marinha indiana de ampliar suas áreas de influência, o que justifica a ampliação do entorno estratégico observado na Estratégia Naval de 2015, como será visto na próxima seção.

### 3.1.3 O Raj Britânico

Como afirma Tanhan, o pensamento estratégico do Raj<sup>38</sup> britânico influenciou o pensamento estratégico indiano. Não existia até então um pensamento de defesa estratégica da Índia, ao passo que quando chegaram os britânicos, inovaram com pensamento de defesa local e global contra os rivais britânicos europeus. A Marinha Real tinha como componente fundamental o domínio do mar, assegurando o acesso à Índia e a outras colônias, além de manter distante possíveis invasores. O pensamento naval da Índia pode ser melhor compreendido observando as tradições que a moldaram. Rehman assim destaca quatro escolas como influenciadoras do pensamento naval indiano:

**Escola Continentalista Indiana:** mais para dentro do que para fora, e que raramente permite que as questões marítimas escoem através da barreira mental do Himalaia. **Escola Pan-Oceânica Raj:** desenvolvida no auge do Império Britânico, quando o Oceano Índico foi unificado pela primeira vez como um espaço estratégico comum. **Escola Soviética:** mais defensiva na orientação, e que se concentra em grande parte no controle de pontos de estrangulamento e defesa de área. **Escola Monroviense:** através da qual a Índia, na tradição das potências regionais com posições marítimas

<sup>37</sup> Do acrônimo em português: Organização do Tratado do Atlântico Norte.

<sup>38</sup> Raj - Refere-se ao antigo domínio britânico do subcontinente indiano. Dicionário Merriam-Webster.com, Merriam-Webster, <https://www.merriam-webster.com/dictionary/raj>. Acesso em 07 de julho de 2021.

invejáveis, busca ampliar o controle do mar sobre o que considera ser seu quintal marítimo<sup>39</sup> (REHMAN, 2012, p. 56, tradução e grifo nosso).

Entre tais escolas, observa-se a Pan-Oceânica Raj. Com a saída do Almirante francês De Suffren, da baía de Bengala em 1783, o Oceano Índico foi unificado pela primeira vez na história como um espaço estratégico comum. A presença militar de qualquer potência estrangeira passou a ser controlada pelos britânicos. Navios eram enviados para patrulhar o golfo Pérsico e proteger as rotas marítimas contra ataques árabes e de piratas. Por dois séculos o Oceano Índico teve sua paz garantida pelas assertivas ações navais britânicas que serviu de inspiração para a "guarnição do Império" da Índia Britânica (REHMAN, 2012). Na atualidade, cria-se expectativa no renascimento do Pan-Oceanismo da era Raj. Entre estes defensores, destaca-se C. Raja Mohan, que busca inspirar a Índia a se tornar uma potência marítima mais assertiva e expandir sua influência sobre toda a região do Oceano Índico.

Na IMMS-2007, observa-se alinhamento à visão pan-occeânica na relevância dada à capacidade da Marinha de projetar poder no exterior. Foram estabelecidas áreas primárias e secundárias de interesse marítimo, que foram estendidas na Estratégia Marítima de 2015 (FIG. 1). Esta visão pan-occeânica vem sendo bem recebida por autoridades civis e até mesmo empregada em suas declarações oficiais<sup>40</sup>. No entanto, merece especial atenção às mudanças geopolíticas do Oceano Índico contemporâneo. Empregar um modelo histórico pelo sucesso que obteve, sem, contudo, considerar as mudanças do cenário, pode comprometer o sucesso da estratégia marítima indiana. As novas ameaças marítimas do mundo globalizado, os conflitos

---

<sup>39</sup> No original - *Four different traditions or schools of thought are identified: • The Indian Continentalist School: more inward than outward-looking, and which has seldom let maritime issues seep through the mental barrier of the Himalayas. • The Raj Pan-Oceanic School: developed at the height of the British Empire when the Indian Ocean was unified for the first time as a common strategic space. • The Soviet School: which is more defensive in orientation, and which focuses largely on the control of chokepoints and area defence. • The Monrovia School: through which India, in the tradition of most regional powers with enviable maritime positions, seeks to extend sea control over what it perceives to be its maritime backyard.*

<sup>40</sup> Citado por S. Kapila em 'India Defines Her Strategic Frontiers', SAAG Paper, 832, 2003. Também foi citado por M. Singh, 'PM's Address at the Combined Commanders' Conference', 2004.

não resolvidos com outros Estados e a crescente influência da RPC devem ser fatores criteriosamente analisados na assertiva busca indiana de projeção de poder.

#### 3.1.4 Fatos históricos marcantes dos Séculos XIX e XX

Tanhan (2010) defende que a redescoberta da história indiana, no final do século XIX, contribuiu para a formação do nacionalismo indiano e conseqüentemente para a formação do Estado independente. Personalidades importantes da independência da Índia almejavam um Estado-Nação moderno e recorreram à história da Índia, para despertar o nacionalismo do seu povo. A Índia, criada em 1947 a partir da Lei da Independência do Parlamento do Reino Unido, foi dividida em dois Estados distintos, Índia e Paquistão (ocidental e oriental) (BLAINEY, 2011). Neste mesmo período iniciava-se a Guerra Fria. O subcontinente indiano passou a ser mais um palco das disputas entre EUA e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Neste contexto, a Índia assumiu uma posição de não-alinhamento, mantendo relações pendulares entre as duas potências, buscando acordos em termos de fornecimento e transferência de tecnologia militar que possibilitasse a construção da sua indústria de defesa para enfrentar as ameaças terrestres que, principalmente, Paquistão e RPC representavam. Kaplan, destaca a importância estratégica da Índia neste cenário dizendo: “a medida que Estados Unidos e China tornam-se grandes potências rivais, a direção para a qual a Índia pender pode vir a determinar o curso da geopolítica na Eurásia<sup>41</sup> no século XXI” (KAPLAN, 2013, p. 233).

---

<sup>41</sup> Eurásia - “definido, em um estudo da Brookings Institution de 1997, como toda a região composta do Oriente Médio em si (Core Middle East, que abrangeria o Norte da África, o Oriente Próximo, a Turquia, o Sudão e o Chifre da África), a Transcaucásia (com a Geórgia, o Azerbaijão e a Armênia), a Ásia Central (incluindo o Uzbequistão, o Cazaquistão, o Turcomenistão, o Tadjiquistão e o Quirguistão), e o Sul da Ásia (incluindo a Índia, o Paquistão e o Afeganistão)” (KAPLAN, 2013, p. xix).

Durante a Segunda Guerra, com a destruição da marinha japonesa, a Marinha indiana se tornou uma das mais importantes da Ásia. Entre 1950 e 1965, a Índia obteve assistência militar dos EUA, tendo recebido quantidades substanciais de armas americanas excedentes da Segunda Guerra Mundial (TILL; CHEW; HO, 2009). Entretanto, em 1962, o conflito entre o exército chinês e o exército indiano mostrou para a Índia a realidade militar do país e a necessidade de criar um país seguro para ampliar o Estado Moderno desejado. Entre 1960 e 1990, as relações com os EUA esfriaram devido à aproximação dos EUA com a RPC e Paquistão, interrompendo as transferências de tecnologia militar. Neste período a Índia buscou aproximação com a URSS, recebendo armamentos e transferências de tecnologias soviéticas. Em 1974 e em 1998, a Índia realizou testes nucleares logrando êxito e tornando-se um dos poucos Estados a dispor deste importante e estratégico instrumento de dissuasão. Somente em 1990 a sua relação com os EUA reviveu. Nesta feita a expectativa estadunidense era de contrabalançar a ascendência chinesa (TILL; CHEW; HO, 2009).

Desde sua independência, a Índia enfrenta conflitos e disputas territoriais com Paquistão e Bangladesh (antigo Paquistão Oriental), e China. Destaca-se neste cenário a contenciosa disputa pela Caxemira que contribuiu para o despertar de uma corrida armamentista no subcontinente indiano. Os líderes paquistaneses não aceitaram a legalidade do Instrumento de Adesão da Caxemira à Índia, e a guerra não declarada eclodiu em outubro de 1947. Por conta desta região, a Índia se envolveu em diversas guerras e conflitos terrestres como: a Guerra Indo-Paquistanesa (1947 - 1948), a Guerra Sino-Indiana (1962), a Guerra Indo-Paquistanesa (1965), conflitos entre Índia e Paquistão durante a Guerra Civil (1971) iniciada com a Independência de Bangladesh e conflito de Kargil (1999) ocorrido por disputas na linha de controle, a partir de então ocorreram ataques terroristas de autorias contestadas entre os Estados (HEITZMAN; WORDEN, 1995).

Embora a maior parte destes conflitos tenham ocorrido com desdobramentos aéreos e terrestres, considerando a definição de estratégia militar sugerida por Arthur F. Lykke Jr,<sup>42</sup> como o somatório de fins, métodos e meios,<sup>43</sup> todos estes conflitos evidenciaram a necessidade de estabelecer “meios”<sup>44</sup> necessários para atingir os “fins” políticos desejados. As ameaças de conflito impulsionaram a Índia à produção e aquisição de meios militares para o combate. Com o término da Guerra Fria, houve uma tendência mundial de redução dos gastos militares, contudo a Índia permaneceu elevando seus gastos como apresentado a seguir: em 1978 seus gastos eram de US\$ 3,45 bilhões, em 1994, US\$ 7,5 bilhões e em 2004, passou para US\$ 19,6 bilhões (TILL; CHEW; HO, 2009). Durante a Guerra Sino-Indiana, a URSS estabeleceu assistência à defesa da Índia sob a forma de helicópteros de alta altitude e uma fábrica MiG-21, reduzindo a dependência indiana do Ocidente e contribuindo para o fomento da indústria de defesa indiana (TILL; CHEW; HO, 2009). Em 1964 a RPC realizou um teste bem-sucedido de seu primeiro armamento nuclear.

Pelo histórico de recentes tensões e disputas inconclusivas de fronteiras que envolvem este Estado, a Índia se viu obrigada ao aparelhamento militar. Em 1971, a Índia e a URSS celebram o tratado de Paz, Amizade e Cooperação de 20 anos, onde foram estabelecidos acordos militares em termos de inteligência nuclear e programas espaciais, além de apoio mútuo em caso de ameaça à segurança nacional. Em 1974, a Índia realizou seu primeiro teste com arma nuclear. Em 1986, Paquistão e RPC celebram acordo de cooperação nuclear. Em 1998, Índia e Paquistão realizaram testes nucleares bem-sucedidos (TILL; CHEW; HO, 2009).

---

<sup>42</sup> Conceito apresentado em maio de 1989, na revista “*Military Review*”.

<sup>43</sup> No original - “*Defining Military Strategy = E + W + M*”.

<sup>44</sup> Meios - Relacionado ao componente material da Estratégia. Clausewitz expôs pela primeira vez o desenvolvimento qualitativo do componente material [...] A revolução industrial e tecnológica acresceu o peso relativo dos meios.” (COUTAU-BÉGARIE, 2010, p. 85)

Mediante o exposto, convém destacar que a mentalidade estratégica indiana desde sua independência, esteve focada nos conflitos terrestres. Isso se evidencia na participação da Marinha da Índia nos gastos orçamentários de Defesa. Nas primeiras décadas pós independência, girou em torno de 5 a 10%. Durante o período em que Rajiv Ghandi expandiu o poderio militar, houve um tímido aumento de participação para 12%. Apenas em 1990, foi apresentado um ambicioso plano de modernização naval de 25 anos, contudo após colapso da URSS, o programa foi abalado. A retomada nos investimentos só ocorreu após o conflito de Kargil (1999). Em 1998, um forte programa de segurança nacional deu ênfase ao perfil marítimo da Índia e à modernização da marinha. As reformas econômicas e consequentes taxas de crescimento da Índia contribuíram para financiar a modernização da Marinha. Neste período, em termos relativos e absolutos, a Marinha se beneficiou de aumentos orçamentários, de 14% entre 1999 e 2000 para 18,5% em 2008-2009. Metas ambiciosas foram apresentadas para a Doutrina Marítima de 2004 e para a Estratégia Marítima de 2007, como 160 navios até 2022, incluindo três porta-aviões juntamente com 400 aeronaves, que colocam a marinha da Índia entre as cinco maiores do mundo (MOHAN, 2012).

A frota de superfície da Índia passou por uma rápida transformação. A Índia desenvolveu tecnologia para projetar e construir navios em seu território, reduzindo sua dependência de navios fornecidos principalmente pela Rússia, por navios projetados em conjunto com a Rússia e construídos na Índia. Seus Destroyers "classe Kolkata" passaram a ser construídos para a Marinha indiana na própria Índia. As transformações, tanto quantitativas quanto qualitativas, prepararam a Marinha indiana para ser uma marinha de águas azuis.

Cabe destacar que a globalização da economia indiana fez com que, entre 1990 e 2008, o comércio exterior saltasse de \$44 bilhões para quase \$550 bilhões de dólares americanos. Isso representou um aumento na participação do comércio exterior no PIB indiano

de 13% para 42% neste período (MOHAN, 2012). Logo, garantir a segurança deste comércio exterior tornou-se um dos objetivos da Estratégia Geral da Índia. Além disso, com o crescimento do comércio, as necessidades de suprimento energético aumentaram consideravelmente. A Índia é o terceiro maior importador de Petróleo Bruto ficando atrás apenas de EUA e China.<sup>45</sup> Grande parte deste produto é transportado pelo mar, o que também estrategicamente demanda da Marinha a garantia da segurança energética indiana. Estes fatos chamaram a atenção das autoridades indianas para o mar e conseqüentemente a necessidade de investimentos para a modernização da frota naval.

Se por um lado todo este contexto de conflitos territoriais, enfrentados desde a independência da Índia e que se estendem até os dias de hoje, lhe proporcionou grande experiência militar para o combate terrestre, por outro lado, retardou a Estratégia Militar Marítima da Índia. Pode-se dizer, contudo, que o crescimento econômico indiano (FIG. 2), fez despertar a importância da segurança do transporte marítimo contribuindo para o surgimento da sua Estratégia Militar marítima de 2007. Somou-se a este fato as ocorrências do novo milênio que influenciaram a pensamento estratégico marítimo mundial.

### 3.1.5 Fatos históricos marcantes no Século XXI

Após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos da América (EUA), a agenda internacional passou a dar maior importância às chamadas “novas ameaças”, comumente identificadas como o terrorismo, o tráfico ilegal de armas, drogas e pessoas e a pirataria. Estas atividades afetam a segurança dos mares e vêm sendo motivo de ações no campo internacional, promovidas principalmente pelos EUA, que, diretamente envolvidos na “Guerra Global Contra o Terrorismo”, vem liderando o movimento para incrementar a cooperação marítima internacional, com o propósito de tornar mais seguros os oceanos (SILVA, 2006, p. 32).

---

<sup>45</sup> OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. *Importers of Crude Petroleum*. 2019. Disponível em < <https://www.oec.world/en/profile/hs92/crude-petroleum> >. Acesso em: 11 ago. 2021.

Os fatos históricos que marcaram o início do novo milênio, mais especificamente o atentado de 11 de setembro de 2001 contra os EUA, evidenciaram as vulnerabilidades marítimas globais, despertando para a necessidade de novos comportamentos estratégicos marítimos. O EUA em especial, assumiu a vanguarda na “Guerra Global Contra o Terrorismo”, passando a defender junto à comunidade internacional, a necessidade de colaboração internacional para garantir a segurança marítima contra as novas ameaças. Segundo o Almirante Thomas H. Collins, Comandante da Guarda Costeira Americana entre 2002 e 2006, as ameaças transnacionais daquele tempo se tornaram as maiores preocupações para o Poder Naval (COLLINS, 2002).

Em 22 de julho de 2004 foram apresentadas oficialmente em um relatório público, as conclusões da “Comissão do 11 de Setembro”,<sup>46</sup> fruto da diretiva do então presidente, George W. Bush em 27 de novembro de 2002. O Relatório concentrou as falhas identificadas, as respostas dos EUA aos ataques, além das recomendações de proteção contra ameaças futuras. Da análise deste Relatório, em 2004 a presidência determinou<sup>47</sup> a criação do Comitê de Coordenação da Política de Segurança Marítima, com enfoque na garantia do domínio marítimo. Então, em outubro de 2005 o Comitê produziu um documento intitulado: “Recomendações de Segurança do Sistema de Transporte Marítimo - A Estratégia Nacional de Segurança Marítima”.<sup>48</sup> Este documento Oficial assim definiu a estratégia estadunidense de gerenciamento de riscos:

Entendendo que as estratégias mais eficazes de gerenciamento de riscos de segurança envolvem a **cooperação** e a **participação** de partes interessadas nacionais e internacionais que atuam em pontos estratégicos do sistema, os EUA buscam melhorar

---

<sup>46</sup> Em 27 de novembro de 2002, o presidente dos EUA George W. Bush assinou decreto que estabeleceu a Comissão Nacional de Ataques Terroristas sobre os Estados Unidos, a fim de examinar e relatar os fatos e causas relacionados aos ataques terroristas de 11 de setembro.

<sup>47</sup> Diretiva Presidencial de Segurança Nacional-41 (NSPD-41) e Diretiva Presidencial de Segurança Interna-13 (HSPD-13).

<sup>48</sup> No original - *Maritime Transportation System Security recommendations for the National Strategy for Maritime Security*.

a segurança através de um **esforço cooperativo e coeso envolvendo todas as partes interessadas** (USA, 2005, p. ii, grifo nosso).

Esta Estratégia Nacional de Segurança Marítima, estabeleceu diretrizes para a elaboração da Estratégia Marítima estadunidense publicada em outubro 2007 com o título “Uma Estratégia Cooperativa para o Poder Marítimo do Século XXI”,<sup>49</sup> que substituiu a anterior publicada em 1986. Dentre as diferenças entre as versões, destaca-se o esforço cooperativo e coeso das demais marinhas para garantir a segurança nos mares. Países com poderes navais limitados com foco em garantir segurança em suas águas jurisdicionais e países que possuem poderes navais mais fortes contribuindo com a segurança marítima em outras partes do mundo. A consciência situacional marítima tornou-se um recurso essencial para o aumento da segurança, com grandes dependências das atividades de inteligência, vigilância e identificação. Segundo o Professor Robert Rubel, Reitor de Estudos de Guerra Naval na Escola de Guerra Naval dos EUA (U.S. Naval War College), colaborador da escrituração da Estratégia Cooperativa de 2007, “a proteção do atual sistema de comércio e segurança global (contrastando com o processo de globalização) proporcionou tanto o contexto para a nova estratégia quanto a **argamassa intelectual que une todas as regiões do mundo**” (RUBEL apud MOORE, 2011, p. 23, grifo nosso)<sup>50</sup>.

Paralelamente a Índia que já vivenciava um período de despertar para a estratégia marítima, sofreu influências desta mudança de conjuntura. A Índia, desde o fim da Guerra Fria, havia reformulado sua política externa, com maior aproximação com os EUA, visando superar a dependência econômica e militar após o colapso soviético. Esta revisão de política externa incluiu a sua política de defesa que deixou de negligenciar a dimensão marítima

---

<sup>49</sup> *A Cooperative Strategy for 21st Century Seapower.*

<sup>50</sup> RUBEL, Robert C. “The New Maritime Strategy, the Rest of the Story”, *Naval War College Review* 61 (Spring 2008): p. 69.

de poder. O Almirante Arun Prakash,<sup>51</sup> lamentou o que chamou de “vácuo intelectual de pensamento estratégico”, criticando a indefini o dos objetivos nacionais mesmo após 60 anos de República soberana (PRAKASH apud HOLMES; WINNER; YOSHIHARA, 2009). Apenas no ano 2000, o governo indiano foi despertado para desenvolver e promulgar uma política de segurança marítima. A primeira Doutrina Marítima Indiana foi publicada em abril de 2004, embora este documento tenha sido considerado por críticos como limitado tanto no escopo quanto na profundidade. Em 2005, o Comandante da Marinha indiana anunciou<sup>52</sup> que a Estratégia Marítima estava em desenvolvimento. Em 2006, foi publicado um documento oficial preliminar, de apenas quatro páginas, com declara o da visão e alguns princípios gerais da Marinha indiana no emprego do poder naval. Por fim, em 2007 foi publicada a IMMS-2007. O atentado terrorista ocorrido em Mumbai em 2008 expôs as vulnerabilidades da  ndia frente às novas ameaças. Foram evidenciadas falhas da interoperabilidade entre a Marinha, a Guarda Costeira e a agência de inteligência indiana. A  ndia não havia dado a devida aten o às revisões norte-americanas da estratégia marítima, o que tornou a IMMS-2007 praticamente natimorta<sup>53</sup>. O prazo de revisão oficialmente anunciado para 2022 foi antecipado para 2015. A IMSS-2015 foi publicada em 2015. A análise e compara o das Estratégias serão abordadas na próxima se o.

---

<sup>51</sup> Arun Prakash foi Comandante da Marinha da  ndia entre 2004-2006.

<sup>52</sup> Anunciado em 05/11/2005 por Arun Prakash, na palestra proferida com o Tema: “*Shaping India’s Maritime Strategy—Opportunities and Challenges*”, no *National Defence College* (YOSHIHARA; HOLMES, 2008).

<sup>53</sup> Natimorto - [Sentido Figurado] que está condenado ao insucesso desde seu aparecimento.

#### 4 A ESTRATÉGIA NAVAL DA ÍNDIA

No Capítulo 2, apoiados em três teóricos de ENC, Coutau-Bégarie, Raoul Castex e Geoffrey Till, abordou-se sobre as mudanças tecnológicas, as novas ameaças marítimas e revisões da aplicabilidade dos princípios da Estratégia Naval Clássica. No Capítulo 3, além das influências do pensamento estratégico indiano, foram mencionadas mudanças no cenário estratégico internacional, principalmente no subitem 3.1.5, além da ascensão econômica da Índia que possibilitou maiores investimentos em Defesa (TAB.1). A Marinha passou a gozar de maiores distribuições orçamentárias, alcançando o reconhecimento de quinta Marinha do Mundo (MOHAN, 2012), como mencionado no subitem 3.1.4.

Composta pela revisão teórica da Estratégia Naval e pela revisão do cenário estratégico contemporâneo, surge em maio de 2007 a primeira Estratégia Militar Marítima da Índia. A Índia chamou a atenção para o reposicionamento alcançado em termos de poder militar, diplomático e econômico. A IMMS-2007 prospectou a Marinha da Índia para além da segurança nacional, isolamento das interferências externas e para as tarefas vitais à continuidade de seu crescimento econômico, dando também um viés colaborativo aos países limítrofes da região do Oceano Índico, com quem mantém parcerias. Por esse motivo intitulou sua Estratégia como “Liberdade para usar os mares”. Na própria IMMS-2007, definiu o prazo de 15 anos para a sua revisão, com argumentos que era o tempo adequado para a criação e absorção de expertise operacional das capacidades marítimas (INDIA, 2007). Contudo, fez-se necessário antecipar essa revisão com apenas 8 anos de publicada. A segunda versão foi publicada em 2015, dando ênfase à Segurança Marítima Indiana e do Oceano Índico.

Nesta seção, primeiramente serão apresentadas as análises sobre a Estratégia Militar Marítima da Índia de 2007 e na sequência, sobre a Estratégia de Segurança Marítima da Índia de 2015, destacando possíveis riscos identificados de desalinhamento entre métodos,

meios e fins. Por fim, as duas Estratégias serão analisadas comparativamente destacando as similaridades e singularidades entre elas.

#### **4.1 Liberdade para usar os Mares: Estratégia Militar Marítima da Índia 2007**

A IMMS-2007 foi formulada a partir de métodos racionais, considerando como referência documentos oficiais australianos, britânicos, estadunidenses, documentos das Nações Unidas, além de documentos oficiais indianos. Considerou-se ainda outras obras, das quais destacam-se as clássicas de Estratégia Naval de Mahan, Corbett, e dos contemporâneos Geoffrey Till, Eric Grove e George K Tanham (ÍNDIA, 2007).

A IMMS-2007 surgiu como um elo entre a prosperidade econômica indiana, e a necessidade do Estado de garantir a continuidade do uso do mar, impedindo que as ameaças, estatais e não-estatais, interferissem nos seus interesses. Fruto da boa administração naval, metas ambiciosas foram apresentadas no período, modernizando os componentes do Poder Militar Marítimo Indiano, como abordado no subitem 3.1.4. A IMMS-2007 se refere ao desenvolvimento dos elementos constitutivos do Poder Militar Marítimo Indiano para o seu uso, quer na guerra, quer na paz, além da busca pelo acúmulo de força através da produção de meios, preferencialmente através da “indianização”<sup>54</sup> (FIG. 3). Em suma, tem relação com o Preparo, Emprego e Gestão do Poder Militar Marítimo Indiano para atender seus objetivos de ser uma Marinha tridimensional, versátil e de águas azuis.

Segundo Kaplan, um dos fatores que impeliu a Índia para o mar é a ameaça representada pela própria RPC que tem adentrado o Oceano Índico em busca de alcançar suas aspirações navais (KAPLAN, 2013, p. 255). Tal fato é demonstrado pela estratégia do “colar de pérolas” que sinaliza seu avanço ao estabelecer bases de apoio no aludido Oceano (FIG. 4).

---

<sup>54</sup> Conforme apresentado no documento oficial indiano “*Indian Naval Indigenisation Plan*” (INIP).

Doravante, será conduzida análise da IMMS-2007 sob a perspectiva da ENC, segundo as variáveis destacadas no Capítulo 2 deste trabalho.

Segundo Coutau-Bégarie (2010), a tecnologia nuclear revolucionou a estratégia marítima através da dissuasão estratégica. Primeiramente, cabe destacar que um dos objetivos da IMMS-2007 é o preparo do seu Poder Militar Marítimo que garanta uma dissuasão eficaz tendo a dissuasão estratégica como parte desse espectro. A IMMS-2007 considerou o combate às ameaças em todo espectro de conflitos contemporâneos, considerando as armas nucleares como último recurso. Logo, seu maior interesse pela dissuasão nuclear é garantir a estabilidade. Isto se confirma pelo fato da Índia ser adepta da doutrina nuclear do "*No First Use*",<sup>55</sup> realçando sua intenção de emprego da dissuasão nuclear como uma medida retaliatória e como último recurso. Existe dependência entre a Estratégia Nuclear e a Estratégia Militar Marítima da Índia, pois reservam aos submarinos lançadores de mísseis balísticos alto fator de dissuasão, visto que podem ser empregados para uma retaliação nuclear, tornando sempre possível uma ação de resposta, conhecido como o "segundo golpe" (ÍNDIA, 2007, p. 76). Isto justifica o porquê a Índia celebrou contratos de arrendamento de submarinos nucleares russos enquanto não desenvolvia capacidades próprias, como foi visto no subitem 3.1.2. Em síntese, o principal propósito da dissuasão nuclear na IMMS-2007 é prevenir conflitos.

Embora Castex não tenha sido mencionado entre as referências bibliográficas da IMMS-2007, ele desempenhou um importante papel na revisão da aplicabilidade da Estratégia Naval Clássica, conforme apresentado no Capítulo 2. Segundo Castex, é imperativa a proteção das comunicações, pelo que defende o controle das comunicações essenciais de superfície. O controle do mar<sup>56</sup> é o conceito central em torno do qual a Marinha Indiana está estruturada

---

<sup>55</sup> Política de restrição de uso de armas nucleares adotada pela Índia desde 2003 em que se compromete em limitar o uso para casos de retaliação contra um ataque nuclear em território indiano ou em forças indianas em qualquer lugar. Convém destacar que a RPC é adepta a esta política contudo o Paquistão não é (PERKOVICH, 2012).

<sup>56</sup> A Doutrina Marítima Indiana conceitua o "controle do mar" como uma condição em que se pode utilizar uma área marítima definida, por um período definido, para seus próprios propósitos, e ao mesmo tempo negar seu uso ao adversário (ÍNDIA, 2009, p. 76).

(ÍNDIA, 2009, p. 76), na busca da sua liberdade de ação e da negação do uso do mar para as ameaças. A IMMS-2007 destaca como LCM essenciais o transporte mercante e o transporte de energia. Referente à segurança do transporte mercante, a Índia reconhece e atende às exigências da Organização Marítima Internacional (IMO). Contudo as maiores preocupações indianas são relacionadas à segurança das LCM energéticas, visto que 90 por cento do petróleo trafegam pelos mares, e qualquer restrição deste tráfego comprometeria duramente os interesses da Índia (ÍNDIA, 2007).

Nota-se na IMMS-2007, a grande preocupação com a consciência situacional marítima<sup>57</sup> diante do expressivo número de navios neutros<sup>58</sup> presentes no Oceano Índico. Através deste conhecimento planeja ações de presença assertivas e de negação do uso do mar empregando submarinos. Além disso, nota-se na IMMS-2007 a abordagem de maior interoperabilidade com agências indianas e parcerias com Marinhas amigas que atuam na área, especialmente a dos EUA. Em que pese a Marinha Indiana entender sua responsabilidade primária na segurança das suas LCM, a IMMS-2007 aponta que é uma área de interesse comum da comunidade internacional, propondo uma abordagem multilateral, cooperativa de segurança. Fica evidente que a Índia, como maior potência marítima do Oceano Índico, assume a partir da IMMS-2007, responsabilidades pela garantia da segurança marítima na região, reforçando seu papel colaborativo com países limítrofes, estendendo seu alcance estratégico e projetos de se tornar uma marinha de águas azuis. Observa-se aqui aderência aos conceitos promulgados pelos EUA de marinha colaborativa, conforme descrito no item 3.1.5, bem como dos conceitos defendidos por Till e apresentados no Capítulo 2 deste trabalho.

Outra variável importante da ENC extraída de Castex é a reação da terra sobre o mar, os riscos em operações próximas às costas e em pontos focais, bem como a dependência da boa consciência situacional marítima. Primeiramente a IMMS-2007 reconhece a importância

---

<sup>57</sup> A IMMS-2007 emprega o termo Consciência do Domínio Marítimo.

<sup>58</sup> Anualmente 100.000 navios transitavam pelo Oceano Índico na época (ÍNDIA, 2007).

do uso do Poder Militar Marítimo para influenciar as operações em terra, apresentando-o como “o papel primário, e não subsidiário<sup>59</sup>, do emprego da força marítima” (ÍNDIA, 2007, p. 12)<sup>60</sup>. Adicionalmente, tem claro o entendimento do posicionamento estratégico da Índia, bem como dos pontos focais de acesso ao Oceano Índico como catalisador da paz, tranquilidade e estabilidade para a Região. Percebe-se que na estruturação da IMMS-2007 a reação da terra sobre o mar e o risco da operação próximo à costa não foi ignorado, visto que ela “explorou as vantagens geográficas disponíveis, adotando uma abordagem oceânica, em vez de costeira” (ÍNDIA, 2007, p. 11)<sup>61</sup>. Posto que, evidencia a dependência da projeção aeronaval e Poder Aéreo, incluindo os ativos espaciais e veículos de vigilância não tripulados, com demandas de vigilância e ataque que neutralizem as ações adversas em terra e salvaguardem seus interesses marítimos.

A Índia defende a necessidade de evoluir para um novo paradigma de cooperação, relevante para o mundo contemporâneo, em que as ameaças globais são abordadas por respostas globais, e o multilateralismo torna-se a norma preferida para enfrentar desafios globais (ÍNDIA, 2007, p. 29).<sup>62</sup>

A IMMS-2007 assim abordou sobre o confronto com as novas ameaças globais. No Capítulo 3, foram abordados os desdobramentos destas novas ameaças para a Estratégia Marítima Mundial. Geoffrey Till, citado como referência na IMMS-2007, foi um dos teóricos que analisou a revisão da Estratégia Naval Clássica considerando o mundo globalizado e o surgimento destas novas ameaças. Ele defendeu que as novas ameaças contempladas pela ENC são: pirataria, tráfico de drogas e de pessoas, terrorismo internacional e contra a preservação ambiental marinha. A Força Naval Indiana tem se preparado para ser empregada em amplo espectro

---

<sup>59</sup> Antes da publicação da IMMS-2007, a Marinha da Índia se orientava pelo documento chamado “Uma Estratégia Militar Marítima para a Índia 1989-2014”, que entendia como papel subsidiário do Poder Militar Marítimo a influência em operações em terra.

<sup>60</sup> No original - *The Maritime Military Strategy recognises that the use of maritime power to influence operations ashore is a primary, and not a subsidiary, role of maritime force employment. This could be undertaken through commodity denial or by directly supporting the land campaign through the delivery of ordnance by naval platforms or amphibious and/or expeditionary capabilities.*

<sup>61</sup> No original - *The Maritime Military Strategy exploits these geographical advantages available to India by adopting an oceanic approach to its strategy, rather than a coastal one.*

<sup>62</sup> No original - *India advocates the need to evolve a new paradigm of cooperation, relevant to the contemporary world, in which global threats are addressed by global responses, and multilateralism becomes the preferred norm for addressing global challenges.*

de operações no mar, desde conflitos nucleares e guerras de alta intensidade, até ajudas humanitárias e operações de paz. Na IMMS-2007, essas operações foram classificadas como Militares, Diplomáticas, de Polícia e Benignas. Para se contrapor a estas novas ameaças, a Índia emprega Operações de Polícia, visando manter a "boa ordem no mar". Estas se enquadram dentro da IMMS-2007 como estratégia para emprego em paz. Foi dado destaque para o papel do enfrentamento multilateral por se tratar de ameaças globais e comprometimento do interesse do comércio internacional.

No entanto, o excesso de dependência ao multilateralismo se revelou como uma das fragilidades da IMMS-2007. Com apenas um ano de vigência, ocorreu um atentado terrorista em Mumbai, em 26 de novembro de 2008, conduzido pelo grupo jihadista Lashkar-e-Taiba (LeT), do Paquistão. O acesso ao território indiano ocorreu por via marítima, driblando a alta vigilância da fronteira terrestre<sup>63</sup>. Isto expôs a vulnerabilidade dos sistemas de vigilância e da consciência situacional marítima Indiana, além de falhas na obtenção de dados de inteligência e por fim, problemas de interoperabilidade com a Guarda Costeira. Criada em 1978, a Guarda Costeira da Índia deveria garantir pela IMMS-2007, a atuação da Marinha indiana mais afastada da costa, nas Operações antiterrorismo (ÍNDIA, 2007, p. 91). Este atentado contribuiu para impulsionar a aquisição de meios navais. O Relatório Anual do Ministério da Defesa Indiana de 2007-2008 destacou a construção na Índia do seu primeiro porta-aviões, contrato para construção de seis submarinos Classe *Scorpene*, três Fragatas *Stealth*, seis Fragatas da Classe *Leander*, três Fragatas da Classe *Godavari*, três *Destroyers*, além de sete Navios Patrulhas para a Guarda Costeira.

Considerando os tipos de Marinha categorizados por Till, a Índia tem maior similaridade à Marinha Moderna. Contudo, a IMMS-2007 evidenciou os anseios indianos de alcançar maiores projeções pelo que chama de seu "destino manifesto" (ÍNDIA, 2007, p. 130). Neste

---

<sup>63</sup> Disponível em: <[http://dicionario.sensagent.com/Atentados%20de%2026%20de%20novembro%20de%202008%20em%20Bombaim/pt-pt/#cite\\_note-FT-28](http://dicionario.sensagent.com/Atentados%20de%2026%20de%20novembro%20de%202008%20em%20Bombaim/pt-pt/#cite_note-FT-28)>. Acesso em: 07 ago. 2021.

entendimento, a IMMS-2007 foi um primeiro passo para manifestar seu compromisso com a manutenção da Boa Ordem no Mar do Oceano Índico e ampliar a sua Diplomacia Naval.

Em que pese o retardo da Índia em publicar sua primeira Estratégia Militar Marítima, os fatores que contribuíram para a sua publicação em 2007 permitiram uma abordagem contemporânea que considerou tanto o fenômeno da Globalização como o espectro de conflitos da atualidade, englobando perfeitamente conceitos da ENC.

Considerando o conceito proposto por Yarger sobre o processo estratégico<sup>64</sup>, pode-se concluir que os “recursos e meios” do Poder Militar Marítimo Indiano disponíveis ao Estado eram insuficientes para alcançar os objetivos definidos pela Índia. Isto se tornou evidente tanto pela dificuldade da Marinha em atuar na área secundária de interesse (ÍNDIA, 2007, p. 61)<sup>65</sup>, como pela astúcia do LeT de entrar no território indiano pelo mar, no atentado terrorista em Mumbai de 2008. Este atentado também expôs vulnerabilidades de interoperabilidade entre a Marinha indiana, a Guarda Costeira e as Agências de Inteligência, demonstrando a ineficiência de “como” operar conjuntamente. Segundo Arthur F. Lykke Jr, os riscos de uma Estratégia Militar surgem a partir do desequilíbrio entre os fins, métodos e meios. Neste caso tanto os meios eram insuficientes como também os métodos exigiam aperfeiçoamentos. Embora estes dois fatores estivessem em processo de correção, tanto pela produção intensa de meios navais para a Marinha e Guarda Costeira, quanto pelos exercícios operacionais que ajustavam a interoperabilidade, ainda assim, uma nova Estratégia Militar Marítima foi apresentada em 2015.

---

<sup>64</sup> Item 2.1, p. 13.

<sup>65</sup> No original - *Keeping in mind our existing resources, the present strategy will only focus on areas of primary interest. Areas of secondary interest will come in where there is a direct connection with areas of primary interest, or where they impinge on the deployment of future maritime forces.*

## 4.2 Garantindo Mares Seguros: Estratégia Naval da Índia 2015

A IMSS-2015, foi apresentada como uma revisão da IMMS-2007. Tomando por base conceitos e princípios de segurança nacional, conceitos do Poder Militar Marítimo indiano, além da Visão e princípios orientadores da Marinha indiana<sup>66</sup>, a IMSS-2015 assim esboçou os principais pontos revisados:

A estratégia emprega os diversos papéis e meios da Marinha Indiana de forma integrada, e orienta o desenvolvimento de novos meios. Utiliza ainda o potencial de maior cooperação e coordenação marítima, entre várias agências na Índia e com nações amigas. Esta estratégia, embora esteja centrada na Marinha indiana como a principal força marítima da nação, também fornece um quadro mais amplo para ações de sinergia no domínio marítimo com as outras partes interessadas (ÍNDIA, 2015, p. 4, tradução nossa).<sup>67</sup>

Nota-se na revisão, o zelo em corrigir as vulnerabilidades como falhas na interoperabilidade tanto com a Guarda Costeira, quanto com as demais Forças Armadas, Agências do Estado e até mesmo marinhas amigas (FIG. 5). Os ataques terroristas ocorridos em Mumbai, em 2008, provocaram mudanças organizacionais levando a Marinha da Índia a assumir formalmente a incumbência pela segurança marítima, incluindo a segurança costeira e de offshore. Isso permitiu maior coordenação e cooperação interagências, contribuindo para a coesão necessária na busca pela segurança marítima (ÍNDIA, 2015, p.ii)<sup>68</sup>. Com efeito representou um grande avanço, visto que eliminou a multiplicidade de responsáveis por área singular, tornando as ações mais assertivas na neutralização das ameaças.

---

<sup>66</sup> Visão e princípios orientadores da Marinha indiana é um documento da Marinha da Índia publicado em 2014.

<sup>67</sup> No original - *The strategy employs the various roles and means of the Indian Navy in an integrated manner, and also guides the development of new means. It further utilises the potential for increased maritime cooperation and coordination, across multiple agencies in India and with friendly nations. This strategy, while it is centred on the Indian Navy as the prime maritime force of the nation, also provides a broader framework for synergising actions in the maritime domain with the other stakeholders.*

<sup>68</sup> No original - *The '26/11' terrorist attacks in Mumbai in 2008, for instance, demanded a re-evaluation of our security perceptions and devolved to the Navy the responsibility for India's overall maritime security, including coastal and offshore security.*

Na IMMS-2007 as concepções estratégicas estavam voltadas para a liberdade do uso do mar numa era de paz violenta<sup>69</sup>. Contudo, a constatação do aumento das fontes, tipo e intensidade das ameaças, tradicionais e não tradicionais, levou as autoridades indianas a conclusão de que a garantia da segurança era um requisito para a liberdade do uso dos mares. O interesse pela segurança marítima do Oceano Índico tornou-se um elo entre a Índia e seus vizinhos marítimos, que foram estimulados a uma postura mais inclusiva e colaborativa. Esta diplomacia da Índia com os países limítrofes abriga suas aspirações por presença ao estilo da Doutrina Monroe<sup>70</sup> no Oceano Índico, cujo propósito maior é resguardar estes países dos interesses Chineses pela região. Por sua vez, por suas aspirações navais, a RPC tem ajudado com construções e modernizações de portos nas adjacências da Índia, além de auxílio militar, econômico e apoio político em Kyaukpyu, Mianmar; Chittagong, Bangladesh; Hambantota, Sri Lanka; e Gwadar, Paquistão (KAPLAN, 2013, p. 255). Assim, uma das propostas da IMSS-2015 é tornar a Índia uma *Net Security Provider*<sup>71</sup>, atribuindo a Marinha da Índia a segurança do Oceano Índico (ÍNDIA, 2015). Doravante, analisar-se-á a IMSS-2015, de acordo com os elementos centrais da ENC extraídas do Capítulo 2 deste trabalho.

Entende Coutau-Bégarie (2010) que a tecnologia nuclear revolucionou a estratégia marítima através da dissuasão estratégica. Em que pese o valor que a dissuasão estratégica tenha alcançado na IMMS-2007, observa-se que na IMSS-2015 atingiu uma abordagem mais ampla ao se destacar entre as cinco estratégias que a compõe, quais sejam: Estratégia de Dissuasão, Estratégia para Conflitos, Estratégia para a formação de um ambiente marítimo favorável e positivo, Estratégia para segurança costeira e offshore e Estratégia para o desenvolvimento da

---

<sup>69</sup> Segundo a IMMS-2007, paz violenta representa a volatilidade da geopolítica contemporânea, caracterizado pelo ambiente VUCA, com ascensão do terrorismo no ambiente marítimo.

<sup>70</sup> Alusão a Doutrina Monroe implementada pelo James Monroe, Presidente dos EUA entre 1817 e 1825, em que se defendia a "América para os americanos". Segundo Kaplan, de forma análoga a Índia defende o Oceano Índico para os países banhados pelo Oceano Índico (KAPLAN, 2013).

<sup>71</sup> Provedor de segurança líquida – termo da IMSS-2015 que descreve a segurança disponível em uma área, obtida pela vigilância e controle da região.

Força Marítima e da Capacidade.<sup>72</sup> A Dissuasão Estratégica manteve-se como fundamental na estratégia global de dissuasão indiana. Contudo atingiu uma abordagem mais holística como recurso de prevenção de conflitos, estratégia de negação da vitória e imposição de punição ao adversário. Além disso, na vigência da IMMS-2007, havia dependência dos submarinos nucleares russos, arrendados pela Índia.<sup>73</sup> Contudo, o submarino lançador de mísseis balísticos (SLMB) INS Arihant, construído na Índia, foi lançado em 27 de julho de 2009, e comissionado em 2016 (SILVA, 2019). Isto conferiu a Índia, o equilíbrio necessário entre recursos, meios e fins, lhe garantindo autonomia na sua dissuasão estratégica.

À luz de Castex, analisando as variáveis dele extraídas neste trabalho, sobre a imperativa proteção das comunicações e sobre o controle das comunicações essenciais de superfície, é notório que a revisão de 2015 aperfeiçoou tal proteção e controle, pelo enfoque dado ao fortalecimento da segurança marítima do Oceano Índico. Precipuamente, o *status* defendido pela Marinha da Índia de *Net Security Provider*, já lhe desperta para garantir proteção das comunicações marítimas. Além disso os exercícios operacionais com marinhas estrangeiras foram intensificados, ampliando a ação de presença (FIG. 6). Esta postura colaborativa regional elevou a troca de informações. A Marinha indiana ampliou suas capacidades em termos de meios navais, possibilitando a ampliação de suas áreas de interesse, tanto primárias<sup>74</sup> quanto secundárias.

Em termos de meios navais, considerando a relevância da força nucleada em Navio Aeródromo para o estabelecimento e exploração do controle de área marítima, a Índia

---

<sup>72</sup> Nota-se que a IMSS- 2015 transformou a Estratégia para o emprego na paz, em duas: Estratégia para a formação de um ambiente marítimo favorável e positivo e Estratégia para segurança costeira e offshore.

<sup>73</sup> Após a primeira experiência de arrendamento do submarino soviético Chakra I, entre 1987 e 1990, a Índia arrendou o INS Chakra II em 04 de abril de 2012, por um período de 10 anos da Rússia. Obteve posteriormente a renovação por mais cinco anos. Em 07 de março de 2019 arrendou o INS Chakra III por 10 anos, para ser entregue após substituição do INS Chakra II (SILVA, 2019).

<sup>74</sup> O Mar Vermelho apresentado anteriormente como área de interesse secundário, tornou-se área de interesse primário na IMSS-2015. Além disso, destaca-se entre as áreas de interesse primário, a Costa Leste da África e o sudoeste do Oceano Índico e suas nações insulares, o golfo de Omã, o golfo de Áden, todos são de interesse primário para a segurança marítima da Índia.

comissionou em 16 de novembro de 2013 o porta-aviões INS *Vikramaditya*, como substituto do INS *Viraat* que operou até 2017. Isto conferiu a Índia, maiores capacidades de controle de área marítima e de projeção de poder. Em que pese a relevância da reação da terra sobre o mar para a ENC, não existe detalhamento específico sobre isso tanto na IMMS-2007 quanto na IMSS-2015. Nota-se na IMSS-2015 o detalhamento dos pontos de estrangulamento do Oceano Índico (FIG. 7), que podem ser empregados como parâmetros para sua Estratégia no Conflito como áreas de risco de suas LCM essenciais. Segundo Kaplan, “a Índia é uma potência regional enquanto permanecer encurralada pela própria geografia; e será uma grande potência se conseguir transcendê-la” (KAPLAN, 2013, p. 259).

Por fim, sobre as novas ameaças descritas por Geoffrey Till, pirataria, tráfico de drogas e de pessoas, terrorismo internacional e contra a preservação ambiental marinha, a IMSS-2015 menciona tanto a persistência das ameaças tradicionais<sup>75</sup>, como a expansão das ameaças não tradicionais, na década que antecedeu sua publicação. Os ataques terroristas em Mumbai ocorridos em 2008, motivaram a reavaliação das percepções de segurança. Fruto do aumento das fontes, tipos e intensidade das ameaças, ocorreram mudanças organizacionais na Marinha, além da interação de cooperação e coordenação com a Guarda Costeira, demais Forças Armadas, outras agências de segurança e com várias marinhas amigas. Estes passaram a compartilhar informações para combater ameaças comuns no mar. Nota-se na IMSS-2015, que a formulação da estratégia de segurança marítima acrescentou alguns conceitos para se contrapor as ameaças como Operação em rede, Articulação e Coordenação e Comunicação Estratégica. A conscientização situacional marítima se tornou ainda mais estratégica, com demanda de controle da posição e das intenções de todos os atores, sejam eles nacionais, hostis ou neutros, na superfície, abaixo da superfície e acima da superfície, com uma organização

---

<sup>75</sup> As ameaças tradicionais seriam Estados com capacidade e recursos militares organizados, que abrigam postura contraditória e intenção hostil em relação à Índia.

melhor de coleta e análise de informação, possibilitando uma compilação contínua do quadro estratégico. A IMSS-2015 prevê o uso gradual da Força, tanto militar como civil, e elevado grau de prontidão.

Acerca das Marinhas categorizadas por Till, embora a Marinha da Índia esteja em amplo crescimento, além da ampliação de sua área de atuação e expressão colaborativa regional, a IMSS-2015 ainda reserva características de Marinha Moderna, com postura competitiva principalmente em relação a China.

A despeito de a IMSS-2015 ser um documento estratégico básico que fornece aos leitores uma visão lógica para o fortalecimento da segurança marítima da Índia, na década subsequente, nota-se que demanda aperfeiçoamento em duas áreas principais. O primeiro grande desafio, comum a muitas Marinhas, é delinear a frota naval necessária ao cumprimento da sua missão. Em que pese o seu Capítulo 7 abordar sobre a Estratégia para o Desenvolvimento da Força Marítima e da Capacidade, seu enfoque se manteve restrito ao “o que e como fazer”, deixando lacunas de “quanto e quando fazer”. Em um ambiente orçamentário cada vez mais restrito esta fragilidade pode inviabilizar projetos necessários ao sucesso da IMSS-2015, por exemplo, recentemente houve cortes orçamentários para a Defesa em decorrência da Pandemia<sup>76</sup>. O segundo ponto é o risco que o enfoque dado a segurança marítima não minimize as ameaças marítimas estatais. Segundo Moore (2011, p. 24), “embora com certeza existam ameaças não estatais no domínio marítimo, são os atores estatais aqueles que continuam a exercer o poder mais significativo”. Não obstante a criticidade de tal informação, a IMSS-2015 não aborda com profundidade as ameaças marítimas estatais. Os Estados Unidos, por exemplo, passaram a partir de 2017 e principalmente a partir de 2020, a distinguir a China como uma ameaça estratégica a ordem mundial existente<sup>77</sup>. Espera-se que a próxima revisão da Estratégia

---

<sup>76</sup> *The Manohar Parrikar Institute for Defence Studies and Analyses (MP-IDSA). COVID-19 and India's Defence Spending.* Disponível em: <<https://idsa.in/idsacomments/covid-19-india-defence-spending-lkbehera-240420>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

<sup>77</sup> *U.S. Maritime Strategy: Advantage at Sea - USNI News.* Disponível em: <<https://news.usni.org/2020/12/17/u->

Militar Marítima da Índia tenha uma postura mais clara em relação aos seus antagônicos estatais.

Conclui-se que a IMSS-2015 teve as vulnerabilidades identificadas na IMMS-2007 documentalmente corrigidas e as Operações Navais intensificadas a fim de garantir a dissuasão eficaz. No entanto, a constante mudança do ambiente estratégico mundial e a modernização militar agressiva que ocorre principalmente no indo-pacífico impõe novas revisões a IMSS-2015.

Tendo sido expostas as versões estratégicas, serão apresentadas as comparações entre as versões.

### **4.3 Estudo Comparativo Quanto às IMMS- 2007 e IMSS-2015**

Recorre-se ao conceito introduzido neste trabalho segundo Yarger, do processo estratégico, que relaciona “fins, métodos e meios”, como recurso para a análise comparativa entre a IMMS-2007 e IMSS-2015, a fim de alcançar o propósito deste trabalho de identificar quais as similaridades e singularidades obtidas desta comparação considerando a ENC.

Como similaridades em relação aos fins, destaca-se que ambas buscam fornecer isolamento de interferências externas, tradicionais e não tradicionais, que garantam a continuidade do crescimento econômico. Destaca-se ainda a similaridade quanto aos fins de tornar-se uma Marinha de Águas Azuis identificada nas duas estratégias.

Quanto ao método, identifica-se como similaridade entre as estratégias, a dependência da Dissuasão Estratégica como fundamento para evitar o conflito. Embora o arrendamento do submarino nuclear russo tenha se concretizado em 2012, 5 anos após a publicação da IMMS-2007, os conceitos já estavam nela estruturados.

---

s-maritime-strategy-advantage-at-sea>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Outra correlação de similaridade entre as estratégias é a dependência da consciência situacional marítima como chave para operações eficazes, ainda que, a partir da IMSS-2015 a criticidade de informações e inteligência tenha ganhado maior relevância.

Destaca-se ainda a consideração em ambas as estratégias, da essencialidade do Emprego Conjunto dos meios com outras Forças em especial a IAF, novamente alcançando maior realce na IMSS-2015. Paralelamente, destaca-se a busca por parcerias com outras potências marítimas extrarregionais com relevância estratégica para Índia. Tais estratégias reconheceram a importância da Marinha da Índia como instrumento e extensão da política externa. Como última similaridade, nota-se forte aderência aos elementos centrais da ENC nas duas estratégias, evidenciando que a Marinha da Índia possui capacidades de força multidimensional, operacionalmente eficaz e equilibrada que é capaz de combater toda a gama de desafios marítimos, e cumprir seus papéis militares, constabulários, diplomáticos e benéficos efetivamente em todo o espectro de conflitos. Após esgotadas as similaridades identificadas entre a IMSS-2007 e a IMSS-2015, passa-se a identificação das singularidades de cada estratégia.

Não tendo existido alteração nos “fins” após a revisão da estratégia em 2015, serão destacadas as singularidades encontradas nos métodos. Consta-se que a partir da IMSS-2015 a Marinha da Índia assume formalmente a incumbência pela segurança marítima, incluindo a segurança costeira e de offshore, áreas anteriormente delegadas a Guarda Costeira. Isso eliminou a multiplicidade de responsáveis por área singular, e conseqüentemente corrigiu as falhas documentais de interoperabilidade tidas como vulnerabilidades da IMSS-2007.

As tarefas básicas do poder militar marítimo representam outra singularidade nos métodos entre a IMSS-2007 e IMSS-2015. Nota-se em 2007, que as tarefas foram subdivididas como aplicáveis na guerra e na paz. Para o período de Guerra se limitou ao Controle de Área Marítimas, Negação do Uso do Mar além do conceito de Guerra Litorânea, que envolve Guerra

de Manobra e Projeção de Poder sobre Terra. Para o período de Paz, foram estabelecidas como tarefa a Dissuasão Estratégica que engloba a deterrência e dissuasão convencional, além disso, Assistências Humanitária, Missões de Paz da ONU, Diplomacia, Funções Constabulárias englobando a Antipirataria e Antiterrorismo e a Manutenção da Boa Ordem no Mar, esta última sob a égide da Guarda-Costeira (ÍNDIA, 2007, p. 72). Com a revisão de 2015, as tarefas básicas do poder militar marítimo foram readequadas para atender as cinco estratégias que sustentam a IMSS-2015, sendo que para cada uma delas, distinguiu-se os propósitos militares, diplomáticos e constabulares. Além disso, foram associados aos seus objetivos e empregos correspondentes. A singularidade não se limitou aos termos da apresentação, mas estabeleceu a proposição de novas tarefas básicas. Esta singularidade tem aderência as tarefas básicas observadas na ENC.

Correlaciona-se ainda como singularidade o interesse marítimo da Índia, declarado a partir da revisão publicada em 2015 como a proteção do território e da soberania, promover segurança para as embarcações mercantes e pesqueiras, energética e da população; garantir paz e estabilidade em áreas de interesse, e preservar e projetar outros interesses na dimensão marítima.

Uma outra singularidade é a expansão dos entornos primário e secundário entre as estratégias. Esta singularidade se apoia na disponibilidade crescente de meios percebida entre a primeira e segunda versão da Estratégia Indiana. Como última singularidade destaca-se o conceito de Visão da Marinha Indiana incorporado ao IMSS-2015, fixando metas mais claras e evidenciando amadurecimento estratégico.

Concluindo, nota-se que para os “fins” as Estratégias possuem o mesmo alinhamento, e que as singularidades identificadas nos “métodos” e “meios” revelam um aperfeiçoamento entre a IMMS-2007 e a IMSS-2015. Por analogia, pode-se dizer que a IMMS-2007 representou o início da edificação e que a IMSS-2015, o acabamento da obra.

No capítulo seguinte, serão apresentadas as conclusões da pesquisa.

## 5 CONCLUSÃO

O propósito deste trabalho foi evidenciar e explicar quais as similaridades e singularidades entre as versões IMMS-2007 e IMSS-2015, quando considerada a ENC.

Para atingir este propósito a pesquisa se estruturou em uma introdução, três capítulos de desenvolvimento e uma conclusão. No primeiro capítulo, foi apresentado o cenário da pesquisa e sua composição. No segundo capítulo, foram estabelecidos elementos centrais sobre a ENC que fundamentassem a análise comparativa entre as versões da Estratégia Militar Marítima da Índia. No terceiro capítulo foram analisados alguns fundamentos que influenciam o pensamento estratégico indiano além de ter sido apresentado uma contextualização histórica que tenha relação com as mudanças do pensamento estratégico. Na quarta seção de texto foram evidenciadas e analisadas as similaridades e singularidades mais notáveis considerando a ENC.

A seleção da Estratégia Militar Marítima Indiana como objeto de estudo, advém da relevância da Índia para a segurança marítima do Oceano Índico, além da migração do ambiente estratégico global do euro-atlântico para o indo-pacífico. Por fim, desperta a atenção global, o curioso reposicionamento da Índia como quarta potência militar mundial.

Este crescente poderio militar indiano, alinhado ao desejo latente de alcançar seu destino manifesto de se tornar uma potência marítima reconhecida e uma marinha de águas azuis, paralelo ao surgimento de novas ameaças do ambiente marítimo, levaram a Marinha da Índia a buscar soluções estratégicas que considerassem não apenas as ameaças tradicionais, mas também as não tradicionais, pelo que publicou sua primeira Estratégia Militar Marítima, Liberdade para Usar os Mares. Entretanto, com os atentados terroristas ocorridos em 2008, em Mumbai, um ano após a publicação da IMMS-2007, e cujo acesso ao território indiano se deu pela via marítima, as autoridades indianas deram crédito às mudanças do pensamento estratégico mundial iniciados em 2001, antecipando a sua revisão e publicando em 2015 a nova

versão, Garantir Mares Seguros. Precipuamente, considerando o valor agregado que o título arrasta, entende-se que o título escolhido para a IMSS-2015 teria maior coerência temporal se empregado na IMMS-2007. Conclui-se que a referência intelectual que representa a estratégia estadunidense, neste caso a Estratégia Cooperativa para o Poder Marítimo do Século XXI, publicada pelo EUA após os atentados de 11 de setembro, poderia ter sido uma grande referência para a Índia se não tivesse sido publicada no mesmo mês e ano que a IMMS-2007. Contudo, a Índia não se furtou de recorrer a alguns estudos e fontes bibliográficas norte-americanos que puderam contribuir na sua produção. Por outro lado, esta dissertação também objetivou identificar quão contemporâneas tais estratégias se apresentaram. Assim o ineditismo da IMMS-2007 contribuiu para que a Índia estruturasse sua primeira Estratégia Militar Marítima com conceitos modernos.

De acordo com a proposta do trabalho, foram identificados dois riscos após a elaboração da IMMS-2007. O primeiro relacionado às falhas de interoperabilidade e a segunda relacionada à deficiência de meios e o delineamento da frota naval.

Em que pese a primeira versão não ter abarcado toda a reestruturação do pensamento estratégico marítimo pós 11 de setembro de 2001, deixando lacunas entre as atividades de inteligência, vigilância e identificação e a interoperabilidade do emprego, os conceitos introduzidos e implementados puderam ser aperfeiçoados a partir da IMSS-2015. Conclui-se que a IMSS-2015 refinou a Estratégia Militar Marítima, mitigando riscos que permeavam as vulnerabilidades existentes, principalmente relacionadas à coleta e análise das informações e a interoperabilidade entre a Marinha da Índia com a Guarda Costeira, outras Agências Estatais, com as demais Forças Armadas Indianas e com as Marinhas amigas. Além disso, a apresentação do seu escopo de emprego definindo os papéis, objetivos, missões e tarefas para os tempos de paz e de guerra, contribuiu para o preparo da Marinha em termos de organização, equipagem, treinamentos e desenvolvimento. Isso otimizou os planejamentos,

possibilitando o ajuste dos meios necessários em termos de níveis de força, estruturas, definição de regras de engajamento e apoio conjunto de outras forças militares e agências governamentais.

Em vista dos argumentos apresentados quanto a limitação dos meios existentes por ocasião da publicação da IMMS-2007, o que impôs restrições as áreas de atuação ao interesse primário, ficou evidente a capacidade da Marinha da Índia em expandir seus vetores, tanto em termos quantitativos, quanto em termos qualitativos. Perpassando os percalços, estabeleceu parcerias que lhe garantiu absorção de conhecimento operacional dos submarinos nucleares, 25 anos antes de operar seu próprio submarino nuclear. Com igual perspicácia absorveu tecnologia na construção do submarino convencional e nuclear, de porta-aviões, além de outros setores que contribuem com a Estratégia Militar Marítima. Logo, ter incluído na IMMS-2007 e IMSS-2015 seus anseios de acúmulo de força se constituiu como uma estratégia eficaz, desmistificou a característica cultural indiana defendida por Tanhan de dificuldade de manter planejamentos de longo prazo, realçando sua maturidade de Gestão em preparar a Marinha para ameaças de hoje, de amanhã e do futuro. Assim, em termos de meios navais, tiram-se conclusões que em 2007 a Índia manifestou seus anseios de se tornar uma potência regional, e seus grandes avanços no período lhe conferiram poder para se apresentar como um provedor de segurança regional. Em que pese seu desenvolvimento em termos de construção naval e sua economia pulsante que tem sustentado os investimentos em defesa, este trabalho identificou como risco a indefinição de um delineamento eficaz de frota naval, desejável ao cumprimento desta Estratégia Naval.

Seria interessante que futuros estudos abordassem o programa de obtenção do INS Arihant, o primeiro submarino nuclear construído na Índia, com abordagem que englobe a absorção dos conhecimentos operativos dos submarinos nucleares, reconhecendo a carência de fontes que aborde sobre a absorção de tecnologia.

## REFERÊNCIAS

- BAJPAI, Kanti; HO, Selina; MILLER, Manjari Chatterjee. *Routledge Handbook of China–India Relations*. New York, NY: Routledge, 2020. 635p.
- BLAINEY, GEOFFREY. *Uma breve história do século XX*. Geoffrey Blainey; Ed. - São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional Ltda., 2011. 311p.
- CASTEX, Raoul. *Strategic Theories*. Selections translated and edited, with an introduction by Eugenia C. Kiesling. Annapolis: Naval Institute Press, 1994, 445p. Título original: *Théories stratégiques*.
- CASTEX, Raoul. *Théories Stratégiques*. Paris: Institut de Stratégie Comparée et Économica, 1997. Tome I-VII apud COUTAU-BÉGARIE, Hervé. Tratado de estratégia. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010. 760 p.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. *Tratado de estratégia*. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010. 760p.
- COHEN, P. Stephen. *INDIA: Emerging Power*. Washington, D.C: Brookings Institution Press, 2001. 377p.
- COLLINS, Thomas H. *Constancy Amid Great Change*. 2002. Disponível em: <<https://www.usni.org/magazines/proceedings/2002/august/constancy-amid-great-change>> Acesso em: 15 jun. 2021.
- EUA, Navy. *National Strategy for Maritime Security - Maritime Transportation System Security Recommendations*. Washington, D.C., 2005. 22p.
- FRANÇA, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 255 p.
- GRAY, Colin S. *War, Peace and International Relations: an introduction to strategic history*. New York, Ny: Routledge, 2007. 321p.
- HEITZMAN, James; WORDEN, Robert L. *India: A Country Study*. Washington: GPO for the Library of Congress, 1995. Disponível em: <[countrystudies.us/india](http://countrystudies.us/india)>. Acesso em: 06 jun. 2021.
- HOLMES, James R.; WINNER, Andrew C.; YOSHIHARA, Toshi. *Indian Naval Strategy in the 21st Century*. Nova Iorque: Routledge. 2009.
- ÍNDIA. Ministry of Defence. *Indian Maritime Doctrine*. Nova Délhi, 2015.
- \_\_\_\_\_. Navy (2007). *India's Maritime Military Strategy (IMMS)*, publicada em 2007.

Disponível em: <<http://www.indiannavy.nic.in/book/maritime-strategy>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_ (2014). *Indian Navy Vision Document*, publicada em 2014. Disponível em: <<https://indiannavy.nic.in/content/vision>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_ (2015). *Indian Maritime Security Strategy (IMSS)*, publicada em 2015. Disponível em: <<http://www.indiannavy.nic.in>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

KAPLAN, Robert D. *A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. Robert Kaplan; tradução Cristina de Assis Serra. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

MOHAN, C. Raja. *Samudra Manthan: sino-indian rivalry in the indo-pacific*. Washington: Carnegie Endowment For International Peace, 2012. 346p.

MOORE, Charles C. Revitalizando a Estratégia Cooperativa para o Poder Marítimo do Século XXI. *Revista Parameters*, [S.I], v. 1, n. 1, p. 22-33, 2011. Bimestral. Disponível em: <[https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview\\_20120630\\_art006POR.pdf](https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20120630_art006POR.pdf)> Acesso em: 15 jun. 2021.

PERKOVICH, George. *Reduzir o Papel das Armas Nucleares: o que a INPD pode fazer*. 2012. Disponível em: <[https://carnegieendowment.org/files/Reduzir\\_o\\_Papel\\_das\\_Armas\\_Nucleares\\_o\\_que\\_a\\_INPD\\_Pode\\_Fazer.pdf](https://carnegieendowment.org/files/Reduzir_o_Papel_das_Armas_Nucleares_o_que_a_INPD_Pode_Fazer.pdf)>. Acesso em: 07 ago. 2021.

REHMAN, Iskander. *India's Aspirational Naval Doctrine*. In: PANT, Harsh V, ed. *The Rise of the Indian Navy: Internal Vulnerability, External Challenges*. Fareham: Ashgate Publishing. 2012.

SILVA, Antonio Ruy de Almeida. “As novas ameaças” e a Marinha do Brasil. *Revista da Escola de Guerra Naval*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 32-42, 2006. Quadrimestral. Disponível em: <<https://revista.egn.mar.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/443>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

SILVA, Antonio Ruy de Almeida; MARCONDES, Danilo. *Globalização, Segurança e Defesa no Atlântico Sul*. Nação e Defesa, Lisboa, n. 154, p. 69-88, 2019. Semestral. Disponível em: <[https://www.idn.gov.pt/pt/noticias/Documents/NeDef154\\_Abstract\\_AntonioRuydeAlmeidaSilva\\_Danilo\\_Marcondes.pdf](https://www.idn.gov.pt/pt/noticias/Documents/NeDef154_Abstract_AntonioRuydeAlmeidaSilva_Danilo_Marcondes.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2021.

SILVA, Sérgio Martins da. *O Submarino Nuclear da Índia Arihant*. 2019. 61f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia, Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2019.

SUBRAMANIAM, Arjun. *DOES India have a strategic culture? Yes, it is slowly beginning to develop one*. New edition. ed. Nova Délhi: Arjun Subramaniam, 4 fev. 2016. Disponível em:

<<https://timesofindia.indiatimes.com/blogs/toi-edit-page/does-india-have-a-strategic-culture-ye-s-it-is-slowly-beginning-to-develop-one/>>. Acesso em: 7 jun. 2021.

TANHAM, George K. *Indian Strategic Thought: An Interpretative Essay*. Relatório para o U.S Under Secretary of Defense for Policy. Califórnia: RAND. 1992.

TILL, Geoffrey. *Seapower: A Guide for the Twentieth-First Century*. Nova Iorque: Routledge. 2018.

TILL, Geoffrey; CHEW, Emrys; HO, Joshua. *Globalisation and defence in the Asia-Pacific: arms across Asia*. Ed. Contemporary security studies Series Editors: James Gow and Rachel Kerr King's College London. 2009

VIDIGAL, ARMANDO. A. F. A missão das forças armadas para o século XXI. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v.124, p. 101-115, out/dez. 2004

WEDIN, Lars. *Stratégies maritimes au XXI siècle. L'apport de l'amiral Castex*. Paris: Nuvis, Tradução de Contra-Almirante (Refo) Reginaldo Gomes Garcia dos Reis, Capitão de Fragata Gustavo Leite Cypriano Neves, Capitão de Fragata Paulo Roberto Blanco Ozorio. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015. 235p.

YARGER, Harry R. *Strategic Theory for the 21<sup>st</sup> Century: The Little Book on Big Strategy*. Instituto de Estudos Estratégicos, U.S. Army War College, 2006. 83p.

YOSHIHARA, Toshi; HOLMES, James R. *ASIA LOOKS SEAWARD: power and maritime strategy*. [S.I]: British Library Cataloguing. Edição do Capítulo 7 feita por Toshi Yoshihara e James R. Holmes, do texto original de Andrew C. Winner. 2008. 233p.

## ANEXO A

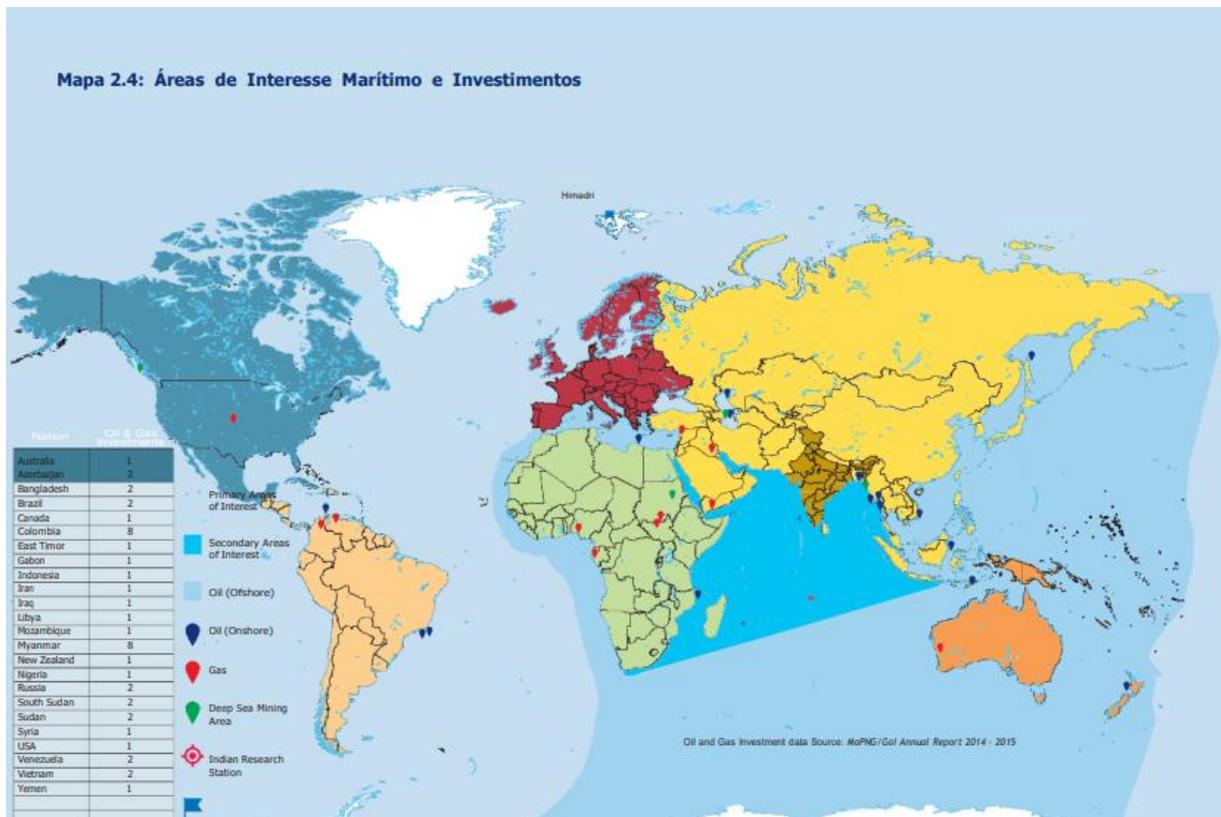


Figura 1 – Áreas Primárias e Secundárias de Interesse Marítimo da Índia. O azul mais escuro no Oceano Índico representa a área de interesse primário, externo a este, com contorno mais claro, a área de interesse secundário.

Fonte: ÍNDIA, 2015, p. 34 e 35.

## ANEXO B

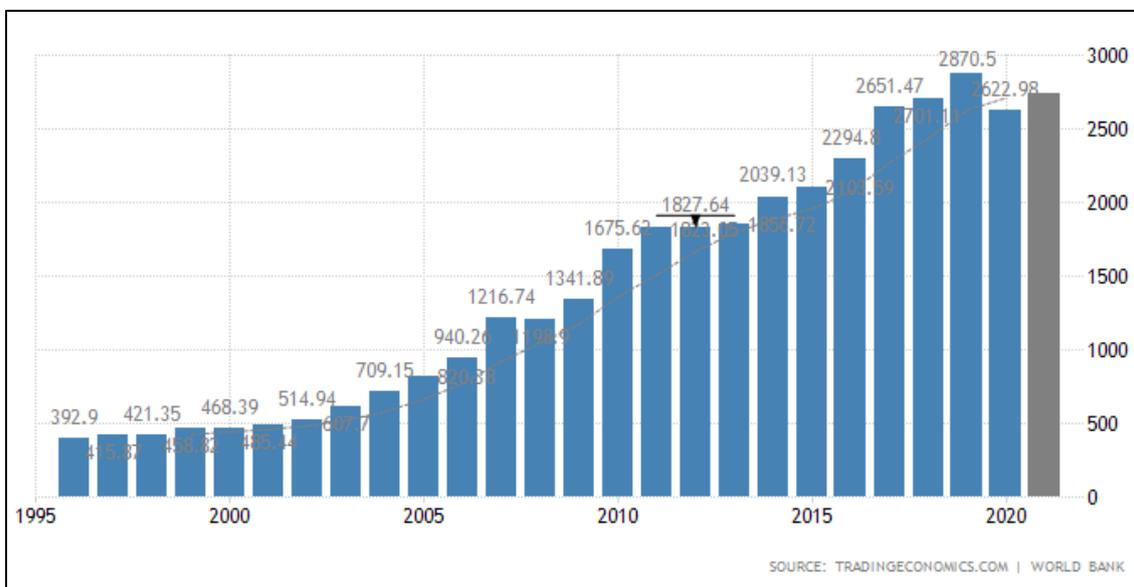


Figura 2 – Crescimento do PIB da Índia entre 1995 e 2020.

Fonte: Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/india/gdp>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

## ANEXO C

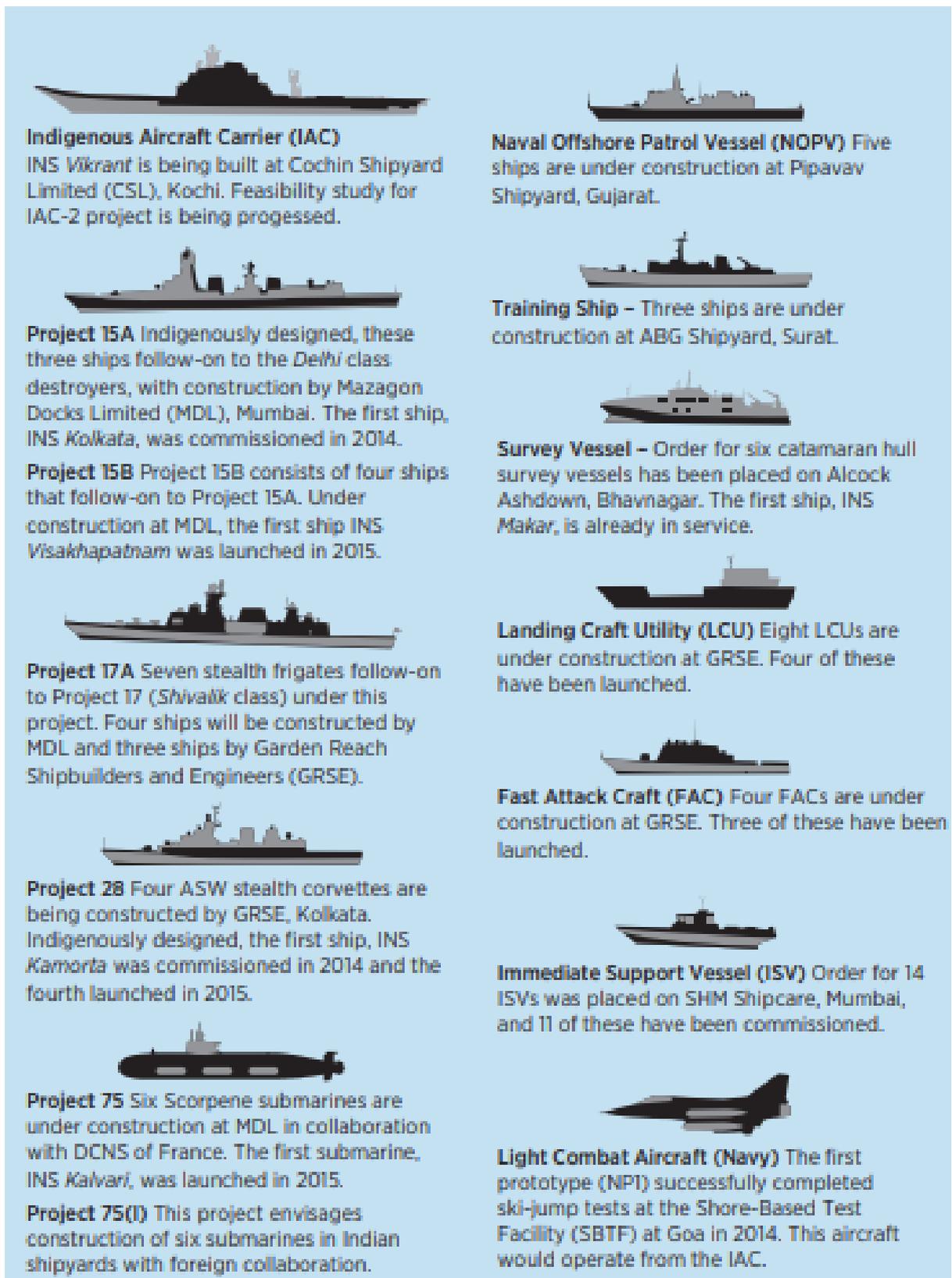


Figura 3 – Processo de Indianização dos meios navais.  
Fonte: ÍNDIA, 2015, p. 131.

## ANEXO D

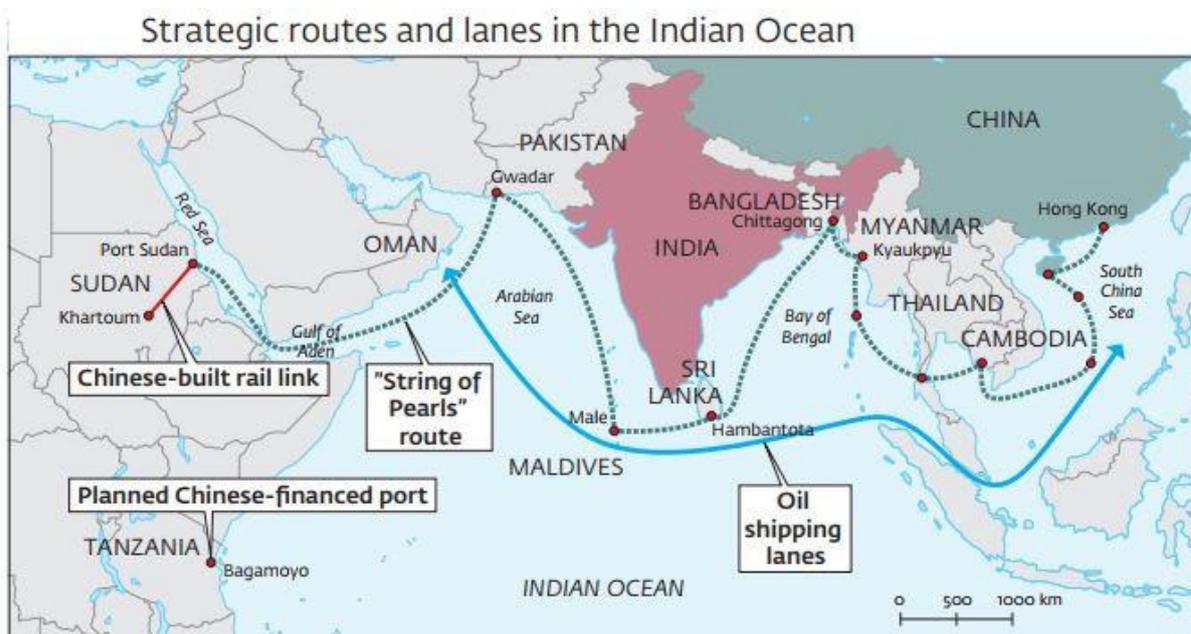


Figura 4 – Estratégia do Colar de Pérolas da China.

Fonte: Disponível em: <<https://www.atitoxavier.com/post/a-estrela-vermelha-o-crescimento-da-marinha-chinesa-e-os-seus-impactos-geopol%C3%ADticos>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

## ANEXO E

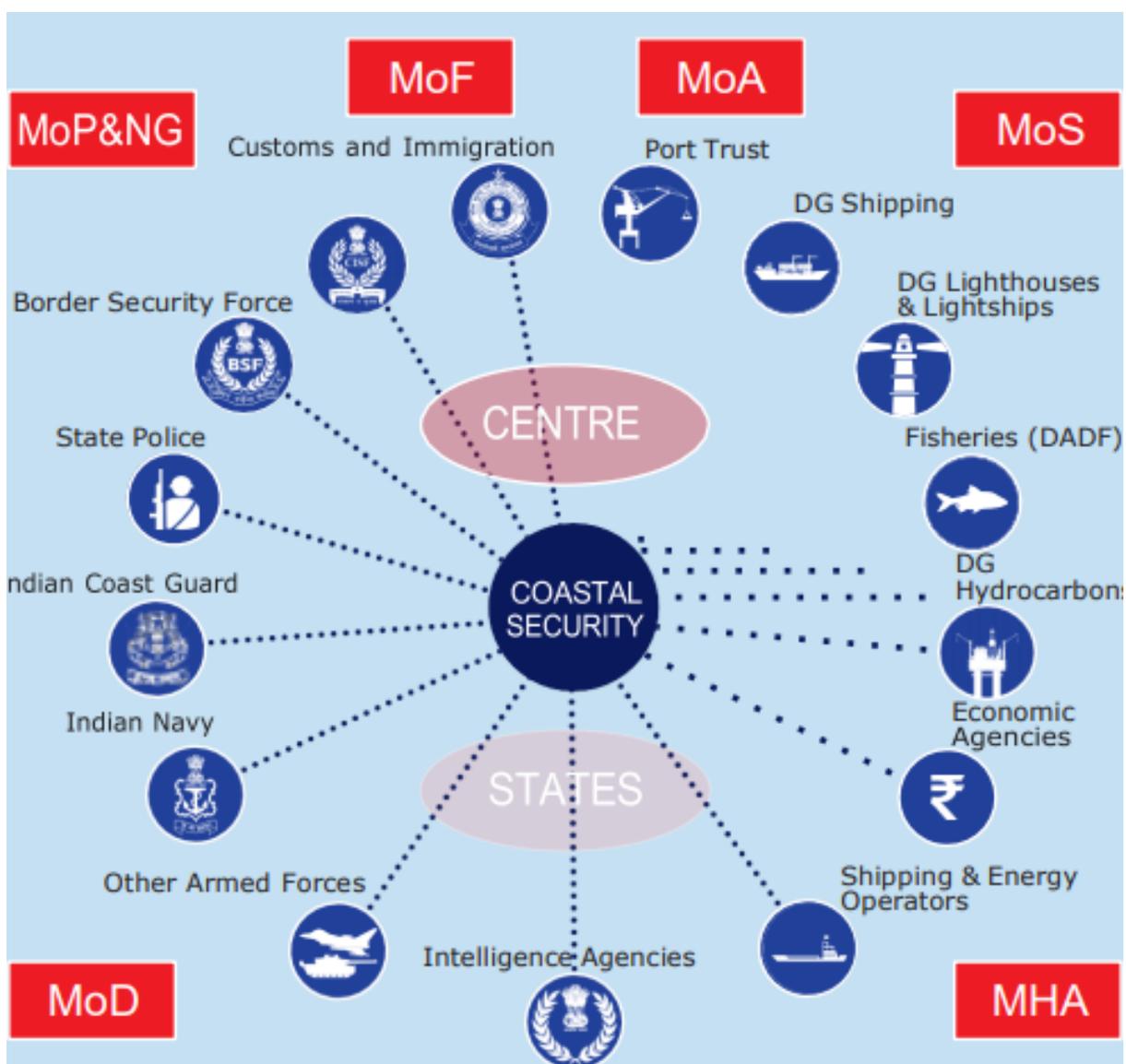


Figura 5 – Segurança Marítima da zona costeira e de offshore.  
 Fonte: ÍNDIA, 2015, p. 109.

## ANEXO F

 The Indian Navy conducts institutionalised exercises with foreign navies as follows:-

 The United States Navy in Exercise <i>Malabar</i> , since 1992	 The Royal Navy (UK) in Exercise <i>Konkan</i> , since 2004
The Royal Oman Navy, in Exercise <i>Thammar-al-Tayyib</i> , since 1993, later renamed as Exercise <i>Naseem-al-Bahr</i> in 2007	 The Sri Lanka Navy in SLINEX, since 2005
 The Republic of Singapore Navy, since 1994, in <i>IN-RSNASW Training Exercise Sea Lion</i> , later renamed as Singapore India Maritime Bilateral Exercise	 The Brazil and South African navies in IBSAMAR, since 2008
 The French Navy in Exercise <i>Varuna</i> , since 2001	 The Royal Australian Navy in AUSINDEX, since 2015
 The Russian Navy in Exercise <i>INDRA</i> , since 2003	 The Indonesian Navy, since 2015

 The Indian Coast Guard has been conducting an annual Exercise *Dosti* with the Maldives National Defence Force since 1991. It has been upgraded to a trilateral exercise with addition of the Sri Lanka Coast Guard since 2012

Figura 6 – Exercícios com Marinhas Amigas.  
 Fonte: ÍNDIA, 2015, p. 87.

## ANEXO G



FIGURA 7 – Pontos de Estrangulamento na Área de Interesse Primário da Índia.

Fonte: ÍNDIA, 2015, p. 18-19. (Houve alteração nossa na ilustração com a tradução dos quadros descritivos).

## ANEXO H

TABELA 1

## Gastos com Defesa da Índia entre 2007 e 2015

<b>INDIA</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
<b>GASTOS*</b>	40299	45709	53816	54032	54555	54361	53961	56756	56773
<b>% PIB</b>	2,5%	2,6%	3,1%	2,9%	2,7%	2,6%	2,5%	2,5%	2,5%
<b>* US\$ bilhões</b>									

Fonte: Banco de dados de despesas militares do SIPRI, 2021. (A tabela ilustrada foi criada a partir dos dados extraídos do banco de dados de despesas militares do SIPRI). Disponível em: <<http://smgbristol.wordpress.com/2009/05/26>>. Acesso em: 26 jul. 2021